

# LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 8

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

**Almanaque Sobrenatural** (Vecchi) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ \* **Spektro** (Vecchi) (B) 13, 14, 17, 18, 19, 22 – R\$ 15,00 c/ \* **Pesadelo** (Vecchi) (B) 2, 3, 4 – R\$ 15,00 c/ \* **Sobrenatural** (Vecchi) 4, 5, 7, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20 – R\$ 10,00 c/ \* **Histórias do Além** (Vecchi) (B) 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 16 – R\$ 10,00 c/ \* **Supersex** (Concorde) (B) 1 – R\$ 5,00 \* **Sexorama** (Concorde) (R) 3, 6 – R\$ 5,00 c/ \* **Máfia** (Idéia) (R) 1, 2, 4 – R\$ 5,00 c/ \* **Um Passo Além – Dose Dupla** (Idéia) (R) 1 – R\$ 7,00 \* **Biblioteca do Escoteiro Mirim** (Círculo do Livro) (R) 3, 10, 13 – R\$ 6,00 c/ \* **Biblioteca do Escoteiro Mirim** (Nova Cultural) (R) 1, 2, 4, 7, 9, 11, 12 – R\$ 6,00 c/ \* **O Herói** (Sargento Rock/Ebal) (R) 12, 13 – R\$ 4,00 c/ \* **Hércules Libertado** (Ebal) 10 (R) – R\$ 4,00 \* **Espião 13** (Ebal) 1 (P) – R\$ 3,00 \* **Bulufas** (Ebal) (P) 1 – R\$ 4,00 \* **Alceu e Roque** (Ebal) (P) 4 – R\$ 4,00 \* **Pepi Papo** (Saber) (R) 3, 4, 6, 7 – R\$ 5,00 c/ \* **Mandrake** (Saber) 31 (R) – R\$ 5,00 \* **O Capitão e os Garotos** (Saber) (R) 1, 6 – R\$ 5,00 c/ \* **Pimentinha** (Saber) 2 (R) – R\$ 5,00 \* **A Família Buscapé** (Saber) 1 (R) – R\$ 5,00 \* **Popeye** (Saber) (R) 17, 19 – R\$ 4,00 c/ \* **Akim** (Noblet) (R) 2, 166 – R\$ 4,00 c/ \* **Giddap Joe** (Noblet) 4 (R) – R\$ 4,00 \* **Mosh 3** (MB) – R\$ 3,00 \* **Zine Royale 1** (MB) – R\$ 3,00 \* **As Aventuras dos Trapalhões** (Abril) (R) 3, 21 – R\$ 3,00 c/ \* **Change Kids** (Abril) 7 (R) – R\$ 3,00 \* **Thundercats** (Abril) 14 (R) – R\$ 3,00 \* **He-Man** (Abril) 3 (R) – R\$ 4,00 \* **Sérgio Mallandro** (Abril) 13 (P) – R\$ 3,00 \* **Duck Tales** (Abril) 3 (R) – R\$ 3,00 \* **Speed Racer** (Abril) 2 (R) – R\$ 4,00 \* **Especial Vampiras** (Bloch) 1 (R) – R\$ 4,00 \* **Bloquinho Extra** (Bloch) 8 (R) – R\$ 4,00 \* **Xuxa** (Globo) 1 (R) – R\$ 3,00 \* **Almanaque Turma do Astronauta** (Globo) 3 (MB) – R\$ 3,00 \* **Mandrake** (RGE) (R) 280, 318 – R\$ 4,00 c/ \* **Superalmanaque do Zero** (RGE) 2 (R) – R\$ 8,00 \* **Sítio do Picapau Amarelo** (RGE/1977) (R) 3, 6, 13, 14, 20 – R\$ 4,00 c/ \* **Almanaque do Sítio do Picapau Amarelo** (RGE) (R) 8 – R\$ 5,00 \* **Fantasma** (RGE) (R) 236, 248, 365 – R\$ 4,00 c/ \* **Magu de Id** (Artenova) 11 (R) – R\$ 4,00 \* **Almanaque Zé do Boné** (Artenova) 2 (R) – R\$ 4,00 \* **Spy vs. Spy** (Record) 1 (B) – R\$ 5,00 \* **Diretas Já** (Record) (B) – R\$ 5,00 \* **Henfil nas Eleições** (B) – R\$ 5,00 \* **Flash Gordon** (Paladino) (B) 1, 2 – R\$ 5,00 c/ \* **Bang-Bang em Quadrinhos** (Interpolar) 3 (R) – R\$ 5,00 \* **Mafalda** (Edições de la Flor) (R) 2, 4 – R\$ 5,00 c/ \* **Drácula – A Sombra da Noite** (Nova Sampa) 5 (R) – R\$ 4,00 \* **Drácula – A Sombra da Noite** (Nova Sampa/reedição) (R) – 1, 2 – R\$ 4,00 c/ \* **Senhoras e Senhores** (Melhoramentos) (R) – R\$ 3,00 \* **Combo Rangers** (JBC) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12 – R\$ 3,00 c/.

## QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 117 SETEMBRO/OUTUBRO DE 2012

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br  
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.  
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

### PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos n.ºs 113 a 118  
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro  
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388

operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:  
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

## ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém os encartes ‘cotidiano alterado’ 2 e 3.

## EDITORIAL

Este número está conseguindo manter a alta quantidade de textos. Além da maioria das seções que tenho criado ultimamente, ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Quadrinhos Brasileiros Bissexto’, ‘Tirando o Chapéu’ e o já tradicional ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, acrescentei vários textos de variados tamanhos, como um artigo dedicado a meu primo Málius, outro sobre direito autoral, mais um sobre quadrinhos não habituais, e ainda outro sobre publicações alemãs.

Além disso, sem contar com a coluna ‘Mantendo Contato’ de Worney, recebi um artigo de Denilson Rosa dos Reis, e fiz um apanhado dos comentários de Cesar Silva, sobre o “QI”, feitos em seu blog.

As colaborações na forma de HQ estão representadas pelas tiras de Luiz Cláudio.

A recepção ao encarte de ‘cotidiano alterado’ foi positiva, então aí vão mais duas folhas.

E, acreditem ou não, estou acrescentando de brinde um “card dos pobres”, que só foi possível graças à cortesia de Lancelott ao me enviar a ilustração da capa. Como, na capa, não pude publicá-la colorida...

Boa leitura!

# MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

*Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.*

As editoras de quadrinhos, mesmo as grandes, supostamente profissionais, nunca tiveram um cuidado muito grande com a organização das coleções de suas revistas. Coisas básicas, que se aprendem na pré-escola, como colocar a data de publicação ou, pasmem!, dar uma sequência numérica coerente às edições de um mesmo título, muitas vezes passaram ao largo das preocupações dos chamados editores. Claro que sempre há uma explicação racional para cada tipo de negligência. Por exemplo, não colocar data na publicação para poder mandá-la de volta para as bancas meses depois e não parecer coisa velha. O fato é que, racionalidades à parte, a vida dos colecionadores e estudiosos fica mais difícil por conta dessas omissões.

O foco dessa vez é na Editora Bloch. Como mencionado anteriormente, a revista “Mundo dos Super-Heróis” nº 33 publicou extenso artigo de Antônio Luiz Ribeiro sobre a Bloch, detalhando mais a linha dos super-heróis Marvel. Aqui vou tratar de algumas dúvidas que aparecem na linha de Terror. Os dados apresentados não serão exatos, pois se baseiam nas escassas informações dos expedientes das revistas.

Em 1976, a Bloch iniciou uma linha de revistas de terror com o subtítulo geral ‘Capitão Mistério Apresenta’, usando material oriundo das revistas de terror da Marvel. Foram lançadas 8 revistas com data de 1976 e uma com data de 1977. Não dá para saber a ordem de lançamento e aparentemente não tinham periodicidade mensal, talvez bimestral, algumas vezes irregular. As revistas que trouxeram material Marvel foram: “A Tumba de Drácula” (até o nº 14), “Frankenstein” (até o nº 8), “Lobisomem” (até o nº 12), “A Múmia Viva” (até o nº 5), “Aventuras Macabras” (até o nº 11), “Histórias Fantásticas” (até o nº 10), “Clássicos do Pavor” (até o nº 10), “Cine Mistério” (até o nº 7, embora haja o boato não comprovado de ter saído o nº 8) e “Sexta-Feira 13” (até o nº 5), esta iniciada em 1977. Em 1978 a Bloch perdeu os direitos de publicação de histórias da Marvel. As revistas “Histórias Fantásticas”, “Clássicos do Pavor”, “Cine Mistério” e “Sexta-Feira 13” foram encerradas nos números mencionados. Mas os outros títulos, a Bloch decidiu continuar publicando com outros materiais, principalmente de autores brasileiros. “A Tumba de Drácula” mudou o nome para “Conde Drácula” a partir de nº 15, durante até o nº 23, com HQs de Edmundo Rodrigues e Homobono. “Frankenstein” continuou do nº 9 ao 11, com desenhos de José Menezes. “Lobisomem” foi do nº 13 ao 20 com desenhos de Flavio Colin. “A Múmia Viva” tornou-se simplesmente “A Múmia” a partir de nº 6 e foi até o nº 18 com desenhos de Júlio Shimamoto. “Aventuras Macabras” teve autores brasileiros somente no nº 12, mas continuou até o nº 18 com materiais estrangeiros de outras procedências, incluindo da Charlton. As revistas foram encerradas por volta de 1980.

Em 1982, o subtítulo ‘Capitão Mistério Apresenta’ apareceu numa nova coleção, alternando os títulos “Drácula” e “Lobisomem” durante 34 números, até 1986. O título “Drácula” apareceu nos números 1, 3, 6, 8 a 19, 21 a 34 sempre com material nacional com destaque para os trabalhos de Homobono, Edmundo Rodrigues e Ofeliano. O título “Lobisomem” apareceu nos números 2 e 5 com material estrangeiro e 7 e 20 com material nacional. E o número 4 teve o título “O Homem Planta”, com material estrangeiro. Neste período de 1982 a 1985, foram publicados 3 números de “Capitão Mistério Apresenta Almanaque de Terror”, todos com HQs nacionais. Todas as revistas mencionadas até o momento eram em formatinho.

Em 1986, o nome ‘Capitão Mistério’ foi usado numa ‘Nova Série’ que durou 5 números no formato magazine, até 1987. Os números 1, 3 e 4 tiveram o título “Histórias Reais de Drácula” e os números 2 e 5, “Histórias Reais de Lobisomem”. Ao passar para formatinho em 1987, minha conclusão é que esta coleção se desdobrou em duas, ambas com o subtítulo ‘Capitão Mistério Apresenta’. “Histórias Reais de Drácula” continuou a numeração a partir do número 6 e durou até o número 25, em 1992, com periodicidade mais ou menos trimestral. E uma nova coleção com o nome “Histórias Reais de Lobisomem” começou a partir do número 1 durante 18 números até 1992, possivelmente sendo publicada alternadamente com “Drácula”. Neste período saíram 3 números de “Almanaque de Histórias Reais de Drácula”, o primeiro em formato magazine no final de 1986, os dois seguintes em formatinho em finais de 1987 e 1988. Todas as edições trouxeram material nacional.



Antes de encerrar sua linha de terror, que durou quase 20 anos, dando bastante oportunidade para o autor brasileiro, a Bloch ainda lançou quatro títulos que, embora tivessem na capa o número 1, foram edições especiais: “Histórias Reais de Drácula Especial – Vampiras” e “Histórias Reais de Lobisomem Especial – Monstros Malucos”, ambas em 1991; “Capitão Mistério Apresenta As Melhores Histórias de Drácula” e “Capitão Mistério Apresenta Drácula Especial”, ambas em 1993.

# QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTO

## AGÁ

Edgard Guimarães

*A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.*

Tomei conhecimento deste trabalho através do livro “O Mundo dos Quadrinhos” de Ionaldo A. Cavalcanti. O verbete dizia simplesmente: “Capítulo do romance *Agá*, de Hermilo Borba Filho, lançado em 1972 pela Editora Civilização Brasileira, apresentado em quadrinhos. A realização é do pintor José Cláudio e apresenta ilustrações de ótima qualidade.” Trazia também reprodução de uma página da história. O que me inquietou na época em que li este verbete e vi esta ilustração, é que Ionaldo chamava de ótima qualidade uma ilustração que eu considerava primária. De fato, o desenho de José Cláudio é quase um esboço. As considerações de Ionaldo nos verbetes de seu livro sempre foram um guia para mim e busquei conseguir muitas edições me baseando nelas. Mas neste caso do livro de Hermilo, não me convenci.

Tempos depois, busquei e consegui adquirir o romance de Hermilo Borba Filho, cujo nome na verdade é “Agá”, publicado em 1974. As pseudo-orelhas do livro trazem o texto:

“Romance à primeira vista de circunstância, *Agá* nasceu de uma determinada realidade subjetiva para, logo em seguida, desprender-se dos limites do tempo e do espaço, passando a representar um vívido documentário de um tempo de decadência moral – tudo, porém, sob o enfoque do mais puro Humanismo (...).”

“Em qualquer fase do romance de Hermilo Borba Filho está presente, ou subjacente, o problema da Liberdade (...).”

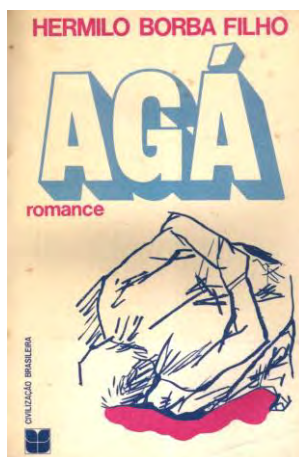
“É em função do problema da Liberdade e da dignidade humanas que o Autor encaixa no romance um longo capítulo de estórias em quadrinhos, numa exposição quase didática do martirologio brasileiro pela independência e pelos anseios de liberdade política e econômica, na sucessão dos quais aparecem Tiradentes, Frei Caneca, Padre Roma, Beckman e outros vultos pátrios, em contraste com os velhos e ressurrectos verdugos do povo, cujos nomes se perdem pelos desvãos da História, num anonimato ignóbil que a própria dignidade do homem exige seja mantido, sem perdões complacentes ou acumpliciadoras indulgências.”

“Pela primeira vez na novelística brasileira se faz uso das estórias em quadrinhos como parte integrante de um todo romanesco, o que dá a medida da valorização que Hermilo Borba Filho empresta às iniciativas populares, ao seu engenho criador, no processo artístico e suas manifestações.”

“Ilustradas por José Cláudio, um dos mais conhecidos pintores e escultores do Nordeste, de nome nacional, as estórias em quadrinhos reunidas neste livro se completam com o texto do romance, integrando-o ou desdobrando-o em suas intenções e propósitos.”

Logo no começo do livro, o autor avisa que o capítulo ‘O Livro dos Mortos’ se compõe de textos condensados por ele próprio a partir do livro “História do Brasil” de A. Souto Maior, adaptados para estórias em quadrinhos por José Cláudio.

O romance de Hermilo Borba Filho é composto de 310 páginas, sendo que o capítulo ‘O Livro dos Mortos’ ocupa 87 páginas na forma de HQ. Ou seja, é praticamente um livro de quadrinhos dentro do romance. Embora tenha relação com o restante do livro, tem independência para ser lido isoladamente. O desenho de José Cláudio é realmente muito simplificado, algumas páginas são muito esquemáticas, às vezes somente um texto ilustrado, mas o trabalho é de uma força impressionante. A História do Brasil é passada em revista pela perspectiva de seus mártires. Aquele Dom Pedro às margens do Ipiranga faz a coisa parecer muito fácil, freia o pocotó, levanta a espadinha e pronto! A leitura de ‘O Livro dos Mortos’ mostra de maneira clara e crua a grande luta pela liberdade que se travou por todo o Brasil, que permitiu que o Pedro pudesse fazer sua cena.



107

# MEU PRIMO MÁLUS

Edgard Guimarães

Em julho de 1969, assisti, de uma TV na casa de minha tia-avó Iracema em Belo Horizonte, ao Neil Armstrong botar sua solinha na Lua. Eu estava hospedado lá, com minha mãe, para cumprir a maratona de filas para conseguir fazer uma consulta no Ipsemg. Eu já sabia que um dos filhos de minha tia era cartunista ou algo assim, mas sem muita noção do que isso significava. Enquanto estive lá, ouvi conversas sobre o assunto. Mário Lúcio Braz e Silva pertencia a um grupo de novos cartunistas que tentavam publicação nos jornais da capital, todos com aquele ideal revolucionário típico, aquela atitude de esgueirar-se, dispostos a combater a ditadura com seus cartuns. O assunto do momento era o recente lançamento no Rio de “O Pasquim” e a participação, no jornal, de Henfil, que era um pouco mais velho e já guru de toda a turma. Nas duas semanas que fiquei em Belo Horizonte, tive pouco contato com Mário Lúcio, só via o entrar e sair daquele grupo de cartunistas (o único outro nome de que me lembro é o de Gus), sempre desconfiados, esquivos e eufóricos. Mas num intervalo entre uma conspiração e outra, Mário Lúcio fez um retrato meu, assinando MarLúcio. Em seus primeiros cartuns publicados na imprensa, assinou Marlu, depois mudando para Málus. Tenho apenas dois exemplos de suas charges publicadas na imprensa de Belo Horizonte, mas não sei a data de publicação.

Em 1973, minha mãe enviou a ele algumas histórias em quadrinhos que eu estava produzindo na época. Eram páginas de uma série chamada ‘Os Animais’, claramente inspirada em ‘Os Bichos’ (‘Animal Crackers’) de Rog Bollen, que era publicada no suplemento da “Folha de S. Paulo” e logo seria publicada na revista “Eureka”. Vários meses depois, Málus enviou correspondência, devolvendo os meus originais, mandando um livro de presente e a carta que reproduzo a seguir:

“Edgar, em anexo estou lhe devolvendo as estorinhas e os cartoons de sua autoria, coisa que, aliás, já deveria ter feito desde o ano passado.”

“De lá para cá você já deve ter evoluído muito, que seu (agora passado) traço e ideias são muito bons (ou boas).”

“Negô seguim, Edgar: é difícil paca a gente ter que julgar o trabalho de outra pessoa. Vê se me entende. Imagina o Millor Fernandes julgando os “horrríveis” desenhos do Jaguar quando este iniciou carreira.”

“O Vagn (que Deus o tenha), quando iniciou, foi “pichado” e “malhado” pelo Ziraldo e pelo Paulo Francis até onde podia; hoje, depois de morto, virou uma espécie de musa, deusa, por aí... dos cartunistas brasileiros. E agora? te pergunto eu. Eu é que vou julgar alguém? Hein? Hein? Hein? Eu não, Rosa!”

“Vou tomar minhas, caro primo Edgar, as palavras do Henfil quando eu mostrei meus primeiros desenhos a ele: – Mário Lúcio (bem solene), quem vai te julgar é o público e a sua consciência (a gente sabe quando um trabalho está bom ou não, independente da crítica alheia – me disse ele). Publique – me disse mais enfático – só você vendo seu próprio trabalho publicado, se vendo nu perante o público, você vai ter noção do seu talento criador. PUBLIQUE! É o que eu posso te dizer – me disse o Henfil – PUBLIQUE. No mais, – ele continuou – eu te digo uma coisa: Você tem talento e ideia. Quero ver é se você tem peito de enfrentar a vida de cartunista e desenhista neste país. Publique, que talento não te falta.”

“Isto, Edgar, foi o que Henfil me disse quando eu comecei, e que, agora, eu passo adiante, e a você: talento e capacidade criativa, meu filho, você tem. Agora é meter os peitos. Fazer. Publicar. Melhorar o traço. Usar material de trabalho mais adequado. Pesquisar. Testar. Ler.”

“No entanto, já dizia não sei quem, isto só não basta, é preciso uma indicação, um conhecimento do mercado, um empurrão para quem começa. E por isso eu lhe digo: dá uma passada cá em casa. Vamos bater um papo. De perto a gente tem mais condição de dialogar e se conhecer mais. Traz mais trabalhos. Quem sabe a gente pode te tentar no “Estado de Minas”? Traz mais estórias. As que você tem feito ultimamente. E vamos bater um papo. Talento, meu filho, ideia, meu chapa, tu tem.”





Na época eu cursava o 2º grau e nem passou pela cabeça de minha família eu sair de casa e ir morar em Belo Horizonte. Depois dessa carta de Málus, praticamente não tivemos mais contato, nunca fui à casa dele e ele nunca veio visitar os tios e primos.

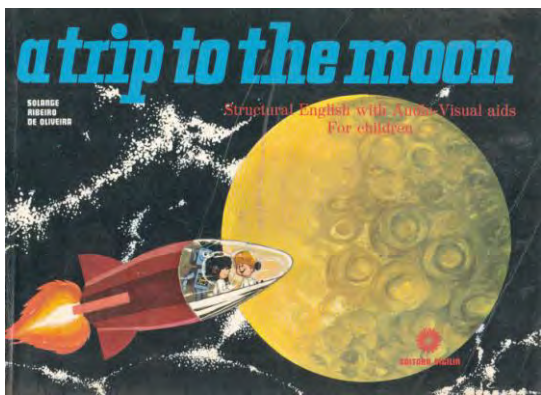
Ainda na década de 1970, fuçando os livros na Biblioteca Pública de Brasópolis, achei um exemplar do livro-revista “Oi, Turma” nº 2, de 1972, contendo uma HQ de 10 páginas de Málus. Esta HQ, com os personagens Jabaculê e Patatá, eu republicuei no nº 3 de “Psiu”, em março de 1990. História e personagens muito bem construídos, enredo criativo, situações engraçadas, um desenho agradável bem na linha de Henfil, tudo conspirando para se tornar um clássico da HQB. Da mesma estirpe de Zeferino, Pererê e Os Bandeirantes. Mas não sei se houve outras aventuras da dupla e certamente não tiveram o reconhecimento que mereciam.

Ainda no começo da década de 1970, Málus se estabeleceu como ilustrador de livros didáticos, principalmente para a editora Vigília, de Belo Horizonte. Estes livros didáticos foram muito usados nas escolas estaduais, mas nunca chegaram às escolas de Brasópolis. Aqui chegaram seus congêneres, também da editora Vigília, porém ilustrados por outro grande quadrinhista brasileiro, Nilson Azevedo, autor de várias séries em quadrinhos.

O livro que Málus me enviou em 1974, quando me devolveu os meus originais, pertence a essas coleções da editora Vigília. Trata-se do livro didático de inglês “A Trip to the Moon”, de Solange Ribeiro de Oliveira, publicado em 1973, com ilustrações de Málus. Seguindo o padrão da época, o livro é todo em inglês, alternando uma página com HQ de 6 quadrinhos, exercícios, textos ilustrados, letras de canções.

O interessante é que, tirando as páginas de exercícios e de canções, os quadrinhos e os textos ilustrados formam uma história, ousado dizer, um álbum de quadrinhos. Os textos e diálogos, sempre em inglês, são bem simples, com muitas repetições, pois são destinados a crianças recém-alfabetizadas ou em alfabetização. Mas apesar de toda essa simplicidade, há uma história coerente formando o livro, e com algumas características bem inusitadas para um livro didático dirigido a crianças.

No início, são apresentados os protagonistas, o menino Keith, a menina Pam e Rex, o robô. Logo em seguida, são



apresentados os pais de Pam, sua irmã Ruth e seu irmão Tony. Num parque de diversões, descobrem um foguete vermelho e isso atíça a imaginação de Pam, que passa a querer viajar para a lua. Sem muita conversa, o foguete já está no jardim de Pam, que juntamente com Rex e Keith se preparam para a viagem. Durante a viagem, a primeira estranheza. Um texto sobre o robô diz: “Rex não é um homem, não é uma mulher, é só um robô. Um robô não pode respirar, não pode comer, não pode beber, não pode sonhar. Um robô pode apenas ser um robô.” O foguete pousa na lua e logo aparece um homem-da-lua. E a segunda estranheza. O texto diz: “O homem-da-lua não é bonito, é muito feio. Ele tem duas pernas, mas não tem pés, tem duas mãos, mas não tem dedos. Ele não pode respirar, ele não pode comer, ele não pode beber. Ele pode apenas ser um homem-da-lua.”

As crianças logo ficam tristes, com saudades dos parentes, dos animais, do verde. “A lua não é bonita, não é amarela, é cinza. É uma lua feia e cinza.” O foguete vermelho está velho e não pode voar de volta. As crianças olham para o céu e veem um globo azul, muito bonito. O homem-da-lua diz que é a terra e as crianças começam a chorar de saudades. O homem-da-lua arruma um novo foguete azul e o dá ao robô para que ele leve as crianças para casa. O robô se emociona e começa a chorar. Mas um robô não chora, só um homem chora, então o robô se transforma em ser humano.

Rex, o novo homem, pilota o foguete levando as crianças de volta para a terra. Elas estão felizes. “Somente o homem-da-lua não está feliz, está muito triste.” Ele não gosta da lua, ele gosta da terra, mas ele fica na lua feia e cinza. “Sua grande face feia está cheia de lágrimas.” E o foguete parte para a terra. Um livro didático, com uma história estranha, com um final melancólico, mas um belo álbum de HQ de Málus.

Lesson Eleven (11) ON THE MOON



Moon-man: Good afternoon, children. Who are you?

Keith: I'm Keith, the pilot. This is my friend Pam. We've flown here.

Moon-man: Have you? How do you do, Keith? I'm the moon-man.



Keith: How do you do, Mr Moon-Man?

Moon-man: Where's your father? He's come with you, hasn't he?

Keith: No, he hasn't. He's stayed at home.

# O FIM DOS FANZINES

Denilson Rosa dos Reis

lendo no “QI” 115 a resenha de Henrique Magalhães e as reflexões de Edgard Guimarães, resolvi dar uns pitacos em relação à questão do fim dos fanzines. Aqui em Porto Alegre temos mantido a área dos fanzines nos principais eventos de comics (Comic Con RS) e mangá (Animextreme), embora na última edição deste – 2011 – já não tenha ocorrido a participação dos zines. A questão é que, dos cerca de dez participantes, 90% são de autores de quadrinhos amadores que fazem “revistas independentes” em papel xerox para mostrar seus trabalhos. Sou um dos poucos, se não o único, que leva zines com análises de um tema (HQ, cinema, música). Desta forma, vejo que a maioria não quer escrever sobre o que é fã, neste caso quadrinhos, e sim publicar seus quadrinhos, deixando para escrever e refletir nos seus blogs.

Por outro lado, quando em 1987 editei o número 1 do fanzine “Tchê”, fiz para ver publicada minha primeira HQ, com arte do argentino Isaac Hunt. Como a HQ tinha duas páginas, completei o zine de 20 páginas com algumas ilustrações de amigos que mantinha contato por correspondência postal, e artigos de HQ, cinema e música que escrevi ou reproduzi da imprensa local.

Vendo minha coleção de fanzines – são 25 anos juntando publicações – os zines de HQs, na maioria, são voltados para a publicação destas, mesmo que na edição tenham notícias e análises sobre quadrinhos. Mesmo assim, sempre chamei de fanzines, mesmo que muitos e talvez a maioria, pela definição do professor Henrique Magalhães e nos critérios da AQC-ESP no Troféu Angelo Agostini, fosse revista independente impressa em papel xerox.

Para finalizar, não vejo o fim dos fanzines, pelo menos na concepção de fanzine como revista amadora de divulgação de uma arte. Vejo sim um aprimoramento das publicações amadoras num época em que o acesso às tecnologias ficou maior, consequentemente diminuindo os custos, levando os fanzineiros a investirem numa tiragem maior, com capa colorida e até mesmo impressos numa gráfica.



## ESTÁ ABERTA A CONVOCATÓRIA PARA O 3º ANUÁRIO DE FANZINES, ZINES E PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS!

Após duas bem sucedidas edições, nas quais somam-se mais de 280 publicações resenhadas e cerca de 30 editores entrevistados, o Anuário se consolidou como uma importante ferramenta de divulgação, catalogação, análise e reflexão para editores independentes e faneditores.

A novidade é que a convocatória agora se estende a todas as nações Ibero-americanas. Queremos saber o que nossos hermanos andam publicando e mostrar a eles o que nós temos feito.

O Anuário é lançado sempre em duas versões: a impressa, com tiragem limitada, vendido diretamente pela Ugra e em algumas lojas e distros; e a digital, disponibilizada gratuitamente.

Não fique de fora! Participe e ajude-nos a espalhar a notícia!

Para informações completas sobre como participar, por favor visite nosso blog:

[www.ugrapress.wordpress.com](http://www.ugrapress.wordpress.com)

Qualquer dúvida ou sugestão, entre em contato!

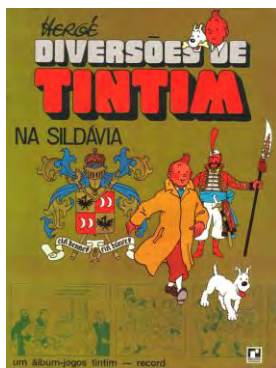
**Douglas // Ugra Press**

# QUASE QUADRINHOS?

Edgard Guimarães

Voltando ao assunto de obras que mesclam Histórias em Quadrinhos com alguma outra coisa e resultam em algo cuja classificação desafia os interessados neste tipo de coisa. Enquanto uns tentam desqualificar os híbridos como Histórias em Quadrinhos “verdadeiras”, eu continuo insistindo que são HQs, ainda que não o tipo usual delas.

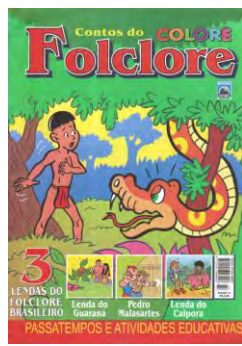
Na década de 1970, a editora Record era detentora dos direitos de publicação de Tintim para a língua portuguesa. E em sua coleção, publicou tudo que era possível publicar. Não publicou “Tintim no País dos Soviéticos” e “Tintim e a Arte Alfá”, o primeiro e o último, pois na época a fundação Moulinsart não tinha decidido ainda ganhar dinheiro às custas deles. Mas a Record publicou outras coisas na coleção, como o álbum “O Lago dos Tubarões”, adaptação do filme de animação homônimo, e os álbuns “As Laranjas Azuis” e “O Mistério do Tosão de Ouro”, adaptações de filmes feitos com atores. Uma coleção bagunçada essa da Record, misturando alhos, bugalhos e nem ao menos na ordem correta. Publicou também alguns álbuns de colorir de Tintim, mas desses eu nunca consegui adquirir nenhum exemplar.



Para os propósitos deste texto, interessam os dois álbuns chamados “Diversões de Tintim na Sildávia” e “Diversões de Tintim em Moulinsart”, dois álbuns que, aliás, hoje são muito valorizados, não sei o porquê. Estes álbuns trazem diversos jogos, a maioria composta de algum tipo de jogo de tabuleiro, mas também incluindo jogos de erros e quebra-cabeças, entre outros. A maioria dos jogos tem a aparência de uma página de história em quadrinhos, algumas foram tiradas dos álbuns de quadrinhos de Tintim e outras foram produzidas especialmente para a edição, com o mesmo capricho dos álbuns originais. Os diversos jogos não têm continuidade, não formam uma história em quadrinhos, no todo; ao contrário, cada jogo corresponde a um trecho de uma HQ, sem o começo e sem o fim. Algo bem dirigido a tintinófilo, gente que conhece todas as aventuras do herói e pode reconhecer cada trecho de HQ.

Os álbuns não formam de fato álbuns de HQ, mas cada trecho, mesmo inserido num jogo, tem as características de história em quadrinhos. Não deixa de ser interessante para os fãs de quadrinhos em geral e de Tintim em especial.

Uma experiência interessante apareceu no nº 10 da revista de atividades “Diversões Escolares” da editora Minuano. Não sei dizer se os outros números são semelhantes. Este número traz uma HQ onde dois índios saem para caçar uma onça, mas a cada página, para que a leitura continue, o leitor tem que resolver um jogo. São jogos bem simples, para crianças em alfabetização. A primeira página traz um jogo de codificação, para se descobrir o nome da história, em seguida uma minicruzada para se descobrir o animal que será caçado. E assim continua, com jogo de erros, página para colorir, cópia de desenho, relacionar imagens, entre outras atividades. Uma produção simples, mas bem feita, com os desenhos a cargo de Luiz Antonio Gomes. Neste caso, os jogos estão bem integrados na história, o todo formando uma revista de HQs.



Outro exemplo é o nº 47 da revista de atividades “Contos do Folclore” da editora Bentivegna. Também não sei se os outros números mantinham a mesma fórmula. Neste caso, primeiro há uma HQ de duas páginas e depois mais duas páginas com jogos e diversões baseados na HQ. São três histórias contando lendas do folclore brasileiro, também com uma boa produção, desenhos simples e bem coloridos, mas sem o crédito do autor. Não há integração entre as HQs e os jogos, e a edição não deixa de ser uma revista de quadrinhos, apenas acrescida de jogos.

Um último exemplo apareceu na “Revistinha Kidnews” nº 1 da editora Press. No meio de HQs convencionais do Sapo Xulê, Penalty Futebol Kids, Saperua e Bingo, todas produções de Paulo José, apareceu uma HQ de Gatos & Cia onde vários jogos são incluídos na história. Jogos de erros, decifrar código, achar o caminho e ligar os pontos devem ser resolvidos para que a história evolua até seu final. Uma produção caprichadíssima de Paulo José.



# DIREITOS E ESQUERDOS

Edgard Guimarães

Ultimamente eu tenho visto muita gente falar que a Lei de Direito Autoral no Brasil é muito restritiva. Acho que vivo mesmo em outro mundo. Já li esta lei (9.610/98) e não vi nada disso. Acho, aliás, que essa lei nem deveria ter sido feita, pois não mudou quase nada em relação à anterior (5.988/73), que já era boa. Procura defender os direitos dos autores, o que é legítimo, e deixa claro que o direito da coletividade à informação tem precedência sobre o direito individual do autor. Assim, os órgãos de imprensa, os trabalhos científicos de análise literária ou artística podem usar livremente as obras protegidas (normalmente trechos das obras) no intuito de informar a população sobre tais obras ou autores. Tudo muito claro, no meu entender. Recentemente, tem havido movimento no sentido de fazer outra lei sobre Direito Autoral. Há necessidade disso? Haverá mudança significativa? Há realmente assunto que não foi coberto pelas leis anteriores? Se um novo meio de comunicação for inventado, ele não precisa respeitar o direito do autor, só porque não existia e não foi nominalmente citado quando a lei foi feita? E qual o propósito de uma nova lei, permitir maior liberdade no uso de obras artísticas e literárias ou tornar o direito do autor ainda maior, fazendo a lei ainda mais restritiva do que supostamente já é?

E de onde vem esta reclamação de que a lei atual é restritiva? Talvez o judiciário tenha estabelecido uma jurisprudência restritiva na aplicação da lei, dando ganho a causas onde o suposto direito do autor tenha prevalecido sobre a liberdade de divulgação. Não me causa espanto. O Judiciário, que é o poder cujo acesso só é permitido a pessoas preparadas, que fizeram a faculdade, passaram num exame da Ordem, prestaram um concurso, tiveram suas capacidades exaustivamente avaliadas, ao contrário do Executivo e Legislativo, onde qualquer tiririca pode entrar, não apresenta resultados melhores.

Mas o ponto que quero tratar aqui vem de terras gringas. Nos Estados Unidos, sabemos todos, Lei e Justiça é coisa séria. Com a quantidade de dinheiro que é movimentada nos tribunais, não dá para brincar. E diante dos lucros que as empresas têm que receber, talvez por direito divino, os contratos não podem levar em conta coisas banais como direito do autor.

Recentemente foi lançado nos EUA um livro trazendo os dois primeiros anos de tiras e páginas dominicais da série ‘Steve Canyon’, criação de Milton Caniff. O texto de apresentação, escrito por Bruce Canwell, trata de vários assuntos envolvendo a criação de Steve Canyon. Um deles diz respeito a esta exacerbação de alguns direitos contratuais, raiando as beiras do ridículo.

Milton Caniff começou a produzir a série ‘Terry and the Pirates’ em 1934 para o Chicago Tribune – New York News Syndicate. O contrato de Caniff terminaria no final de 1946. Caniff tinha quase nenhum direito sobre ‘Terry’, aparentemente ele só recebia pela produção diária das tiras, sem qualquer direito a dividendos pelo uso do personagem e, acredito eu, pelas republicações das tiras. Em 1944, Caniff acertou com Marshall Field, do Field Enterprises syndicate, a criação de uma nova série a partir do início de 1947. Neste novo contrato, Caniff teria todos os direitos sobre a série, incluindo merchandising, além de liberdade de criação das histórias.

No começo de 1945, a notícia sobre o novo contrato de Caniff se tornou pública e ele passou a ser hostilizado no News Syndicate, para quem ainda teria que trabalhar em ‘Terry’ por quase dois anos. Até mesmo para entregar o material produzido durante este tempo, Caniff precisava usar intermediários. No jornal “New York Daily News”, era proibido mencionar o nome de Caniff. Devido a essa situação e pelo modo como estava redigido o contrato com o News Syndicate, Caniff passou a temer que o syndicate reclamasse direito legal sobre qualquer coisa que ele produzisse, enquanto vigorasse o contrato. Assim, Caniff se viu obrigado a criar a nova série para o Field Enterprise somente na imaginação, não se atrevendo a fazer qualquer esboço ou anotação sobre a série. E se fez algum tipo de registro, o destruiu, pois nada foi encontrado em seus arquivos, posteriormente. Nem mesmo no lixo, Caniff se atreveu a jogar eventuais rascunhos de ‘Steve Canyon’. Todo o trabalho de criação da série foi feito mentalmente. A própria produção das tiras não pôde ser feita com antecedência, pois enquanto vigorasse o contrato com o News Syndicate, este poderia requerer como seu todo trabalho feito por Caniff. A última página de ‘Terry and the Pirates’ produzida por Caniff foi publicada em 29 de dezembro de 1946. Imagino que o contrato com o News Syndicate encerrasse em 31 de dezembro e o contrato com o Field começasse a partir de 1º de janeiro de 1947. Ora, como Caniff não se atreveu a fazer qualquer anotação da nova série, nem mesmo dar-lhe um nome, até o final de 1946, o Field não tinha nenhum material para trabalhar a série com os jornais e editores. Não havia nome, não havia imagem, nem especificação dos personagens, nem assunto, nem nada, apenas a informação de que Caniff iria produzir uma nova série. Somente a partir de 1º de janeiro é que Caniff se sentiu seguro para anunciar as características da nova série, produzindo imagens, e iniciando a produção das próprias tiras, para uma série que já estava prometida para estreiar no dia 13 de janeiro. Até então o Field teve que vender um produto sem qualquer detalhamento, nem ao menos uma imagem de amostra. Para contornar a situação, o King Features, associado ao Field, produziu um livro chamado “Milton Caniff – Rembrandt of the Comic-Strips”, com autoria atribuída a John Paul Adams, com uma biografia do autor, não para ser vendido em livrarias, mas para ser distribuído aos editores de jornais possivelmente interessados na nova série. O livro não trazia imagens de Terry ou de Steve Canyon, pelas razões mencionadas.

Apesar de tudo isso, o nome de Caniff e a máquina publicitária do King Features conseguiram vender a nova série às escuras. E assim que 1947 começou, Steve Canyon inundou os EUA, culminando com Caniff sendo capa da revista “Time” justamente no dia de lançamento da série. Todo esse sucesso não mascara o ridículo da situação vivida por Caniff e a nova agência, graças aos exageros dos contratos impostos pelos syndicates.

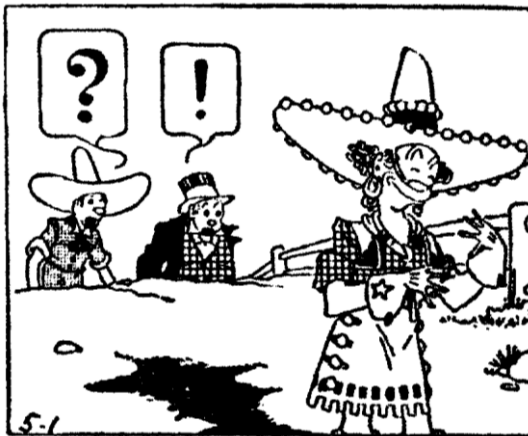
# TIRANDO O CHAPÉU PAFÚNCIO

Edgard Guimarães

*Às vezes, algum desenho ou tira ou HQ, por algum motivo, causa impacto inusitado em nossos sentidos.  
Esta seção mostrará alguns desses espécimes.*

O Pafúncio, que no original se chamava Jiggs, debutou na série 'Bringing Up Father' em janeiro de 1913 e fez muito sucesso durante décadas, pela qualidade da temática, do humor, do desenho, do conjunto todo criado por George McManus.

Em 2009, a editora americana IDW publicou o livro "From Sea to Shining Sea", compilando as tiras e páginas dominicais publicadas entre começo de 1939 e meados de 1940, consideradas o ápice da série. Pafúncio e Marocas fazem uma viagem pelo país, dando a McManus e seu assistente Zeke Zekley a oportunidade de demonstrar todo seu talento, principalmente nas belas páginas dominicais coloridas. Mas foi na tira diária de 1º de maio de 1940 que o queixo caiu. Por trás de sua aparente simplicidade, todo o humor corrosivo, cínico, incorreto até, e o desenho maravilhoso, com uma movimentação invejável, os cortes e angulações perfeitamente colocados, uma obra-prima, enfim.



# “QI” NO HIPERESPAÇO

Edgard Guimarães

*Cesar Silva, editor durante muitos anos do fanzine “Hiperespço”, mantém atualmente um blog com fim semelhante, onde tem sempre divulgado o “QI”. Publico a seguir um apanhado de seus comentários, tratando vários assuntos de interesse.*  
<http://mensagensdohiperespço.blogspot.com.br>

**“QI” 98** – *postado em 2 de julho de 2009* – O “QI” nasceu há cerca de 10 anos como um catálogo de fanzines, de forma a realmente auxiliar na divulgação dos muitos fanzines que pululavam naquela época, principalmente voltados à publicação de histórias em quadrinhos. Aos poucos, contudo, foi se transformando num fanzine também, publicando quadrinhos, ensaios e um fórum concorrido, que abrigava altos debates entre os fanzineiros e leitores. Mas há coisa de dois anos, Guimarães soltou o balão de um possível cancelamento da publicação em seu número 100, pois a publicação já não atingia os objetivos esperados e os custos sempre em ascensão somados à dificuldade de manter as atualizações estavam minando a disposição do até então incansável editor. Desde então esse tem sido o principal tema dos debates, com todo mundo se descabelando pelo cada vez mais próximo fim. Neste número, entre as atrações de praxe, mais um capítulo de uma longa e enigmática aventura de ficção científica sem nome, criada pelo editor, que faz diversas homenagens ao universo Disney.

**“QI” 99** – *postado em 9 de setembro de 2009* – Agora o editor revela que, afinal, o zine não vai acabar, nem mesmo o nome e a numeração vão mudar. A partir do número 101, o “QI” ganhará uma nova roupagem, com uma lista de lançamentos menos relevante, que será editada remotamente pelos próprios editores, e um sistema de impressão mais modesto, que abandona o off-set em favor da impressão digital ‘on demand’, com tiragens menores exclusivamente para os assinantes. Certamente que os custos de produção vão ser reduzidos, mas se essas mudanças vão realmente facilitar a vida do editor, isso ainda vai ter que ser confirmado. Mas Guimarães é persistente e está acostumado com os percalços da vida editorial.

**“QI” 100** – *postado em 8 de dezembro de 2009* – O editor decidiu continuar o fanzine, mas vai implementar algumas mudanças para facilitar o trabalho e diminuir o investimento. Não publicará mais as listas de lançamentos, um hercúleo trabalho de pesquisa que estava a cargo do editor. Mas ficou uma brecha para que os editores interessados anunciem seus fanzines de graça: basta respeitar as novas regras da seção. O editor também afrouxou as regras para publicar colaborações. A publicação será gratuita desde que atenda às expectativas do editor. Anúncios, entretanto, continuarão a ser cobrados.

**“QI” 101** – *postado em 11 de fevereiro de 2010* – Acabei de receber o novo e reformulado, ‘pero no mucho’, “QI”. No final das contas, continua parecido com a fórmula anterior. O que mudou foi a qualidade da impressão, que agora está muito nítida, fruto de uma impressão digital no máximo da qualidade. No mais, manteve praticamente todas as seções na estrutura tradicional, com um pouco mais de quadrinhos. O destaque vai para as 6 páginas finais, nas quais o editor estampou uma série de tiras de Ferdinando, do grande mestre Al Capp, numa qualidade gráfica que eu jamais havia visto nos quadrinhos desse autor publicados no Brasil. A história conta como um megamilionário compra, para uso particular, o autor de ‘Joe Cometa’, série em quadrinhos preferida de Ferdinando, e com isso causa grande comoção social. A história é o pontapé inicial que Guimarães dá a um debate que ele pretende levantar entre os leitores, sobre o direito nos quadrinhos. A lista de edições independentes, agora sem as miniaturas das capas, ocupa apenas duas páginas, mas mantém o espírito divulgador.

**“QI” 102** – *postado em 6 de abril de 2010* – Mais uma edição da “nova” fase do “QI” que, ao fim e ao cabo, não mudou quase nada, para o alívio de seus leitores. A lista de lançamentos de fanzines não sumiu de todo e sobrevive nas páginas finais. O “QI” é uma publicação que ainda goza de grande prestígio, mas claramente não tem a mesma relevância de outros tempos. Subexiste por vontade de seu editor, que dedicou uma fração significativa da vida à sua publicação. Pessoalmente, respeito muito a dedicação de Guimarães ao “QI”, mas gostaria de ver dele um fanzine mais pessoal, com suas HQs e textos, uma vez que o editor é excelente artista e teórico. Ainda que apareça em doses homeopáticas no próprio “QI”, sua obra faz falta.

**“QI” 103** – *postado em 18 de junho de 2010* – O fanzine segue sem surpresas. Os artigos trazem os elementos inovadores com assuntos variados e, como prometido, há mais quadrinhos. A indefectível lista de lançamentos, que foi a gênese do “QI”, mantém-se um tanto reduzida mas ainda bastante útil.

**“QI” 104** – *postado em 13 de agosto de 2010* – Mais uma edição do indispensável boletim “QI”. Destaque para um artigo sobre as dez melhores HQs de todos os tempos na opinião do editor.

**“QI” 105** – *postado em 14 de outubro de 2010* – A edição publica mais quatro páginas de seu folhetim gráfico ‘Fazenda de Robôs’ (na verdade, é a forma como o chamo, pois o dito cujo não tem um nome de fato), e o catálogo de edições independentes ocupa apenas duas páginas. Apesar do “QI” ter alterado a maneira como montava a seção, resultando em certo encolhimento, acredito que, de maneira geral, a publicação de fanzines em papel realmente reduziu muito nos últimos meses.

**“QI” 106** – *postado em 15 de dezembro de 2010* – Traz a seção de cartas, a mais parruda da edição. Destaque para a opinião de Maurício dos Santos, com um depoimento emocionado sobre o desaparecimento dos fanzines brasileiros, na opinião dele, obliterados pela onipresença da internet. Mas é bom que se diga que a grande rede não tem culpa da falta de convicção dos antigos fanzineiros. A verdade é que a maior parte deles nunca quis ser independente e só o foi por falta de opção. Atualmente, o sonho de profissionalização não passa mais pelos fanzines, pois a internet é muito mais eficiente como vitrine. Os que seguem publicando são aqueles editados por fanzineiros fiéis e militantes.

**“QI” 107** – *postado em 11 de fevereiro de 2011* – Capa desta edição mostra a foto atual do mesmo lugar exibido na edição anterior, num diálogo que acrescenta profundidade ao fanzine. O editor também anunciou o breve lançamento da HQ ‘Mundo Feliz’, pela prestigiosa Editora Marca de Fantasia. O trabalho foi anteriormente seriado no “QI” e é considerado por muitos especialistas como uma das melhores HQs brasileiras já publicadas.

**“QI” 108** – *postado em 16 de abril de 2011* – Muitas vezes premiado com o Angelo Agostini, o fanzine está em publicação regular desde 1993 e já teve várias fases. Iniciado como um simples catálogo de fanzines, encorpou até se tornar um periódico informativo, com artigos, reportagens e quadrinhos originais. Completa a edição a tradicional e extensa seção de cartas, repercutindo os assuntos das edições anteriores.

**“QI” 109** – *postado em 24 de junho de 2011* – Trata-se de um dos últimos fanzines dos anos 1990 ainda em publicação em papel. Não que haja muitos outros fanzines dessa época em publicação, mas pelo menos um, o “Juvenatrix” de Renato Rosatti, também se sustenta, contudo em edição virtual há uns três anos. O caso é que a era dos fanzines parece ter mesmo se encerrado. Quase não são mais publicados e até o catálogo de edições independentes, que era o foco principal do “QI” em seus primeiros 15 anos de publicação, não tem mais relevância: nesta edição ocupa apenas duas das 20 páginas do fanzine. O “QI” parece sofrer do mesmo mal que tem acometido algumas das principais referências dos quadrinhos do Brasil, como o site “Bigorna”, que anunciou há poucas semanas o encerramento de suas atividades, e o Prêmio Angelo Agostini, que pode ser descontinuado com a aposentadoria de seu principal articulador, Worney Almeida de Souza, não por acaso também um dos artistas do “QI”. Pouco a pouco, as minhas mais nefastas previsões, feitas ainda no século XX, estão se concretizando. Com a falta de leitores e de publicações, restrito às livrarias e a um público elitista, os quadrinhos nacionais experimentam seus últimos suspiros. Não devem demorar muito mais, já que a maior parte do que é publicado tem sido fruto de incentivos públicos. O “QI” traz mais quatro páginas da hermética série ‘Fazenda de Robôs’, de Guimarães, que há algum tempo não tem mais nada de fazenda nem de robôs, mas na falta de um nome melhor, continuo chamando assim. A sensação que tenho ao receber e ler as edições do “QI” é boa, mas está cada vez mais carregada de um desagradável travo de nostalgia, lembranças de um tempo em que as coisas pareciam não estar tão irremediavelmente perdidas, embora as sementes do destino fatal que hoje observamos já estivessem enraizadas. Edgard Guimarães não é de desistir fácil. Neste momento, o seu fanzine já é um sobrevivente. Mas quando iniciativas como as citadas acima mostram que chegaram ao limite, temo que o “QI” não dure muito mais. Gostaria de dizer que vale a pena aproveitar enquanto ele ainda dura, mas o “QI” se parece cada vez mais com um daqueles monumentos em homenagem a um personagem que ninguém mais se lembra, e que virou apenas um marco perdido no meio de uma praça mal cuidada, a qual ninguém mais dá atenção.

**“QI” 110** – *postado em 7 de setembro de 2011* – A edição traz artigos, depoimento, quadrinhos, a seção de cartas e a lista de lançamentos independentes. A capa, como sempre, é um trabalho do editor.

**“QI” 111** – *postado em 15 de novembro de 2011* – Chegou a cabalística edição 111 do “QI”. Cabalística porque é o número 111 publicado em 11/2011 (N.E.: muitos leitores receberam esta edição no dia 11). Apesar da coincidência esquisita, trata-se da melhor edição do ano, com textos muito interessantes. O destaque vai para o artigo sobre os livros de História do Brasil de Julierme de Abreu e Castro, ilustrados por mestres da HQB, como Rodolfo Zalla e Eugênio Colonnese, que faziam com que as aulas do ensino secundário nos anos de chumbo ficassem menos pesadas. Eu estudei com esses livros e sinto não tê-los conservado, eram ótimas peças de referências pictográficas. Geralmente é Guimarães que ilustra as capas do “QI”, mas a desta edição traz um desenho de Lancelott com quatro super-heróis da HQB. Uma bem vinda novidade.

**“QI” 112** – *postado em 26 de dezembro de 2011* – Completa mais um ano de edição regular e ininterrupta. Segue no formato e conteúdo tradicionais, com as seções fixas, quadrinhos e ilustrações, além de poemas e artigos.

**“QI” 113** – *postado em 25 de fevereiro de 2012* – Originalmente dedicado à divulgação do quadrinho alternativo brasileiro, há algum tempo tornou-se um personalzine em que o editor apresenta suas obras e ideias, enriquecendo o conteúdo com a publicação de muitos artigos, além da lista de publicações independentes que a cada edição fica menor.

**“QI” 114** – *postado em 26 de abril de 2012* – “QI” é um dos mais tradicionais fanzines brasileiros, em publicação desde os anos 1990 e, ao longo dos anos, tornou-se um verdadeiro compêndio sobre as publicações independentes nacionais, especialmente aquelas ligadas às histórias em quadrinhos. Depois de chegar ao número 100, o editor implementou algumas mudanças no estilo editorial, que investe mais em textos históricos e analíticos, mas ainda guarda muito do que caracterizou a publicação em seus anos iniciais.

**“QI” 115** – *postado em 19 de junho de 2012* – A edição de 24 páginas tem na capa uma bela ilustração de Lancelott retratando dois importantes super-heróis da HQ brasileira.

**“QI” 116** – *postado em 30 de agosto de 2012* – Um dos últimos fanzines brasileiros sobre quadrinhos entregou aos assinantes uma nova edição com uma série de artigos interessantes que, aos poucos, vão reconstruindo a nova identidade da publicação. Editado por Edgard Guimarães, um dos mais ferrenhos fanzineiros do país, o “QI” tem passado por mudanças desde o número 101, reduzindo o espaço de catalogação de publicações alternativas e investindo mais em artigos sobre obras e artistas. Nesta edição, ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Heróis Brasileiros: Juvêncio’, ‘Quase Quadrinhos’, ‘Quadrinhos Brasileiros Bissexto: Bingo’, ‘Tirando o Chapéu: Sam e Silo’, ‘Considerações sobre o QI’ e ‘O Fim dos Fanzines’ – todos de autoria do editor –, mais ‘Mantendo Contato’, por Worney Almeida de Souza, e a resenha da antologia de caricaturas “Brasil do Bem” (Virgo, 2012), por Érico San Juan. Completam a edição as colunas ‘Fórum’, ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, ‘Edições Independentes’ e mais um trecho da longa série de quadrinhos sem nome de Guimarães, uma homenagem aos personagens Disney. Junto ao “QI”, vieram ainda a capa e duas páginas da revista colecionável “Cotidiano Alterado”, mais uma ideia inusitada de Guimarães, exclusiva para os assinantes. O “QI” 116 tem 28 páginas e uma ilustração de Lancelott na capa.



# FÓRUM

LUIGI ROCCO

R. Gonçalves Morais, 74 – São Paulo – SP – 03139-020

Recebi o “QI” 116. Duas coisas me chamaram a atenção. A primeira foi você ter lembrado do livro “Depois Que Todo Mundo Dormiu”, que é um livro excelente e que passou meio despercebido quando foi lançado. O Eduardo Piochi era estudante de arquitetura quando fez o livro e teve uma história em quadrinhos, com uma temática mais adulta, publicada em um dos números da revista “Garatuja”. A segunda foi a lembrança do personagem Bingo, do Paulo José. O Bingo fez parte do Projeto Tiras da Editora Abril e teve algumas páginas publicadas no Suplemento ‘Quadrinhos’ da “Folha de S. Paulo”. Você se lembra disso, não é? O material do Coalhada também foi publicado em forma de tiras em alguns jornais da época. No mais, gostei da iniciativa do ‘cotidiano alterado’. Vamos ver no que dá...

*Eu não me lembrava do nome de Eduardo Piochi na revista “Garatuja” (saiu uma HQ dele no nº 3). A assinatura estava quase ilegível, só mesmo lendo o nome no expediente. Também não me lembrava do Bingo na “Folha”. Conferindo, agora, vi que teve mais de uma dezena de páginas publicadas a partir de julho de 1976, até o fim do suplemento no início de 1977. Foi posterior à estreia em “Crás!”. Já o Projeto Tiras da Editora Abril, eu não sei a data, imagino que seja anterior à revista “Crás!”, mas não sei direito se essas tiras foram de fato comercializadas com os jornais. Este projeto da Abril parece ter sido uma iniciativa bastante interessante, mas não sei dizer se teve algum resultado prático. Fora Maurício de Sousa, que criou sua própria distribuidora, somente mais tarde, com a agência Funarte é que outra tentativa do gênero teve algum resultado.*

*Mas voltando, ao suplemento “Quadrinhos” da “Folha de S. Paulo”, revendo agora as edições que tenho, que maravilha que foi esta publicação. Mesmo os trabalhos mais precários de autores iniciantes tinham seu charme. E quantas experiências importantes e traços diferentes o suplemento mostrou aos leitores. Personagens interessantes, autores promissores, que mereciam continuar publicando suas séries.*

ARTHUR FILHO

R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370

Recebi o “QI” 116 e o ‘cotidiano alterado’ 1. Você recebe muitos elogios ao seu produtivo trabalho, pois lá vai mais um: os meus parabéns. Acho que somos parecidos, persistentes, batalhadores. Minha revista “Billy The Kid & Outras Histórias” vai para sua edição 17. O difícil (quem não sabe?) é distribuir, vender, pois que sai aos poucos. Em outra época, anos 70, 80, venderia muito. Mas não desanimamos, mesmo porque já temos um número razoável de colecionadores e o apoio de gente como você, o Leonardo da Bodegadoleo, o Magnago, os colaboradores... Em frente e que o “QI” continue, claro.

ÉRICO SAN JUAN

R. Olívia Antonicella Zanin, 125 – Piracicaba – SP – 13412-276

Não tinha visto ainda a nova fase do fanzine. Achei excelente a mudança, anunciada lá atrás, no centésimo número. Que bom você ter mudado o foco. Análise é algo necessário aos quadrinhos, não é só fazer. Essa fortuna crítica auxilia muito os autores. Obrigado por publicar meu artigo do Observatório da Imprensa. Saiu mais um artigo no Observatório, agora sobre um lançamento de nosso velho amigo Laudo Ferreira Júnior.

MARCELO DOLABELLA AMORIM

R. Anapurus, 32, casa 01 – Belo Horizonte – BH – 31980-210

Ainda não li o “QI”, mas como as coisas estão muito corridas, resolvi escrever para não perder a oportunidade de lhe falar sobre esse seu novo projeto, ‘cotidiano alterado’. Cara, muito boa essa sacada de fascículos, essa 1ª HQ (sem balões, vai seguir esse padrão?) ficou muito boa e, apesar de não saber se continuará, espero que continue com a aula de História das HQs no verso, é sempre bom aprender mais sobre esse universo. O mais foda é que no sábado passado fui a um debate sobre HQ, onde um dos convidados estava com uma HQ em formato parecido, o camarada, que é muito foda, chama-se Pedro Franz e a revista era “Promessas de Amor a Desconhecidos Enquanto Espero o Fim do Mundo”. Eu nunca tinha visto uma HQ nesse formato e em menos de 1 semana aparecem duas... caramba! Se bem que acredito que a sua vai causar uma sensação mais gostosa, de ir a cada nova edição preenchendo com nova história o envelope... e também uma aflição maldita!

*Eu conheço esta edição de Pedro Franz, mas não foi ela que tive em mente ao escolher este formato para ‘cotidiano alterado’. Eu pensei em outras opções, como deixar que o próprio leitor mandasse encadernar, ao final. Depois achei que facilitaria para o leitor já enviar a capa-envelope, para ir guardando as folhas. Este formato de guardar folhas soltas em um envelope, eu já tinha visto em pelo menos duas edições, uma delas eu não lembro o nome, a outra foi um número de “Logotipo” de Wallace Vianna. Num formato parecido, só que o envelope eu tive que confeccionar com papel cartão num formato gigante, eu editei o especial “Eco Lógico” em 1991, contendo 50 folhas soltas, cada uma com uma HQ.*

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Jr., 66 – Brusque – SC – 88350-685

Foi uma agradável surpresa quando abri o envelope do “QI” 116. Além de vir com 4 páginas a mais, ainda tem o brinde de contar com capa com heróis dos gibis, como Máscara de Prata de Edmundo Rodrigues, o desenhista de Jerônimo O Herói do Sertão, e na contracapa o nosso velho Tarzan, desenhado por ti em 1981. Uma alegria para nós, leitores de gibis, ver esses heróis na capa do querido “QI”. O Máscara de Prata, parecido com Cavaleiro Fantasma, e O Vingador, gibis que duraram pouco, mas que ficaram na lembrança dos leitores. Juvêncio O Justiciero, da editora Prélúdio, eu nunca li. Gostei do teu artigo sobre ele. Já as novelas sobre ele e Jerônimo eu me lembro bem. Eu ouvi muito na Rádio Nacional, na década de 50, a novela de Jerônimo O Herói do Sertão. Foi emocionante ler a respeito disso novamente. Também sou fã e tenho alguns números de Príncipe Valente de Hal Foster e também o Robin Hood, que tinha um desenho excelente. Lembro bem e ainda tenho números de “Pequenina” com histórias de Robin Hood. Outro brinde foi o depoimento dado por Edson Rontani Junior sobre o pai, Edson Rontani. Desconhecia o Edson Rontani e seu vasto trabalho como desenhista e a grande lista de revistas publicadas por ele. Quase ia esquecendo de falar do brinde extra, que é ‘cotidiano alterado’, uma ótima coletânea de tiras, gostei muito, e também do Krazy Kat de George Herriman.

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

Na última semana, os jornais daqui destacaram que a Polícia Federal apreendeu menor quantidade de mídias falsificadas, em relação ao mesmo período do ano passado, o que se deve, segundo o articulista, ao progressivo avanço dos downloads na internet. Será que os quadrinhistas independentes optarão pela via virtual? A quantidade de assinaturas dos jornais de grande circulação também diminuiu consideravelmente. E daqui a alguns meses a Amazon estará no mercado nacional com o seu Kindle (e-book reader). Vamos ver...

Vou começar com teus 9 artigos, mas vou comentar o quê? Nós leitores só podemos dizer amém. Você filtra de tal modo os temas que não dá para criticar nada do que escreves, só aplaudir. Boas também as páginas do Worney e ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ com o depoimento sobre o editor Edson Rontani. Comprei dele diversas revistas na década de 1970, uma pessoa muito amável e honesta. Edgard, só tenho duas críticas nesse número. Os rostos dos três mocinhos feitos pelo Lancelott, as caras deles estão mais para bandidos assaltantes que mocinhos. Também no artigo sobre Juvêncio, você diz que a história assinada por José Carlos é um pseudônimo de Edmundo Rodrigues. Essa eu não entendi. Na minha opinião jamais o Edmundo Rodrigues iria assinar algo que ele não desenhou.

Quero mais uma vez te agradecer por ter publicado o desenho de meu filho Guilherme, eu lhe disse brincando que ele agora é famoso pois a arte dele saiu no “QI”. Como te disse, mandei o “Top! Top!” 26 para a Alda Cabral te conhecer melhor. Ela adorou e achou um barato o teu personagem que, no caso, deveria se chamar Tio Ed. Assim como ela, eu gosto muito da dupla – tio e sobrinha. E acho que você deveria continuar fazendo mais histórias. Da Alda Cabral, estou lhe enviando a biografia, o poema ‘A Primavera’ e a capa do seu novo livro, são 100 páginas de lindos poemas, tem até um poema do Zorro, que na próxima lhe envio. Envio também um xerox colorido do belo romance português “Os Fidalgos da Casa Mourisca”, um belo trabalho do artista Carlos Alberto.

Domingo passado eu estava fazendo uma arrumação nas minhas coleções de revistas de quadrinhos e no meio de uma revista da década de 1970 eu encontrei uma folha de papel com umas frases que eu fiz no dia 13 de agosto de 1971, no dia que eu fazia 27 anos de idade e quase fui às lágrimas. Em 1969 eu recebi uma notícia que me deixou arrasado, a minha querida mãe recebeu a notícia que tinha câncer, foi terrível, entrei em parafuso e depressão, ela começou o tratamento, mas o médico poucas esperanças de cura nos garantiu. Então eu fiz uma promessa, se ela ficasse curada, eu iria a pé à cidade de Aparecida agradecer – Aparecida fica a 180 Km daqui da Penha. E depois de 4 meses de tratamento, o médico nos informou que ela estava praticamente curada. Que alegria, que felicidade! E como promessa é dívida, no dia 4 de setembro de 1969 fui cumprir a promessa. No dia 7 de setembro, ao meio dia eu cheguei na igreja velha de Aparecida, foram 3 dias e meio de caminhada, os meus pés estavam parecendo pés de elefante de tão inchados que estavam, mas a promessa estava paga. Só um ano depois, no dia 1º de julho de 1970, ela partiu para o mundo espiritual, foi um golpe terrível para a minha confiança e fê em Deus. Fiquei “ateu”, mas eu precisava voltar a ter fê e esperança. E depois, no dia de meu aniversário, logo ao me levantar, escrevi as palavras que te envio. Faz 42 anos que a minha querida mãe partiu, mas o nosso amor estará presente para sempre.

*A HQ de Juvêncio que mencionei trazia o desenho creditado a José Carlos, mas era o traço inconfundível de Edmundo Rodrigues. Ele pode ter assinado com outro nome porque, talvez, tivesse contrato com outra editora e seu nome não podia aparecer em outras publicações. Há o famoso caso de Bob Lubbers que produziu durante anos a tira de X-9 assinando Bob Lewis. Mas há outra possibilidade. Edmundo dizia que tinha um irmão, chamado Edmo, que desenhava com o traço igual ao dele. Há quem diga que era um recurso usado por Edmundo para vender seus trabalhos para outras editoras. Mas é possível irmãos ou pais e filhos terem traços quase iguais. Em número anterior do “QI”, Worney mostrou o caso de João Rosso, filho de Nico Rosso. O famoso Jesus Blasco tinha outros 3 irmãos (Alejandro, Adriano e Pilar) que produziam em conjunto com ele, sendo praticamente impossível dizer quem fazia o quê. Também José Luis Salinas tinha um filho, Alberto, com traço muito semelhante ao dele. Já o “Fidalgos da Casa Mourisca”, recentemente conseguiu os 8 números da coleção editada pela Agência Portuguesa de Revistas, em 1955, uma das poucas produções de Carlos Alberto em HQs, pois dedicou-se mais a produzir capas.*

Antonio Armando Amaro

Crer é ver luz onde todos veem trevas, crer é saber que onde hoje é terra árida, com ervas daninhas, amanhã pode transformar-se em jardim e pomar com maravilhosos frutos e flores que saciam a fome do corpo e dão alento à alma.

Crer é ter certeza que a semente que é lançada à terra não é para perecer, mas, ao contrário, é para renascer em uma explosão de perfume, flores e frutos.

Crer é ter certeza que a minha caminhada não é inútil, pois serei saciado desta fome que me atormenta, fome de indagar, fome de saber, fome da verdade, fome de luz, fome de coisas puras, fome de ti, a única verdade do universo, ó Deus.



Guilherme Amaro

ilustração de Guilherme Amaro

## A PRIMAVERA

Alda Cabral

A Primavera nasceu  
No meu coração cresce até ao infinito  
Bem longe e perto da humanidade  
Eu sou apenas eu...  
Leio nos outros a verdade  
A Primavera sou eu!

Filha da Terra do Sol, da chuva  
Infeliz e feliz ao mesmo tempo  
Germino e floresço  
Uma Primavera fértil  
E árida também  
Inventada e remodelada por  
Minha mão. Revejo-me nela  
E no seu comportamento  
Deixando o Verão já em declínio  
O meu tempo de Primavera fascina.

Duvidam da força de tudo o que tenho?..  
Então não se esqueçam donde venho!  
Minha vida é pouca...  
Assim um tanto louca...  
Tenho porém a juventude! Ou se quiserem  
A virtude;  
Que só se encontra num corpo de gente moça!

Alda Cabral ou Iva Tolstoy, cujo nome completo é Alda da Piedade Abrantes Cabral, nasceu em Minhocal – Celorico da Beira – Portugal. Pertence há mais de 30 anos à Cruz Vermelha. Faz parte da ONEB e Poetas Del Mundo. Tem publicados os livros: “Uma Luz às Portas de Damasco”, “Filha Preferida da Terra dos Hunos”, “A Caixa de Pandora” e “Do Sonho à Descoberta”. Seus livros foram traduzidos para o italiano, espanhol, inglês e outras línguas.

---

**CARLOS GONÇALVES**

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto. – Lisboa – 1350-326 - Portugal

---

Recebi o seu “QI” e, como sempre, o seu interesse vai-se renovando de número para número, com as informações que presta aos seus leitores. Admiro-lhe a vitalidade, já que não é fácil, nada fácil, manter uma publicação desse tipo a um ritmo como é mantida a sua. E não nos podemos esquecer das suas respostas às cartas dos leitores que quase sempre dão trabalho nas pesquisas de informações. Nunca lhe perguntei a idade, nem sei se já é reformado, para ter tempo para enfrentar este seu desafio. Eu tenho 71 anos e já sou reformado, desde os meus 58 anos, embora ainda tenha trabalhado até aos 65. Nesta idade decidi pedir a demissão de Director Comercial, profissão que de uma maneira geral usufruí ao longo dos últimos 33 anos. Trabalhei no total 52 anos, já que comecei a exercer a minha actividade muito novo, aos 12 anos, ainda como paquete. Fui estudando à noite e fui subindo de posto. Passei por todas as categorias: Paquete, Marçano, Terceiro, Segundo e Primeiro Escriturário, Subchefe e Chefe de Secção, Chefe de Departamento e depois Gerente e Director Comercial.

Mas vamos ao seu “QI”. No que respeita aos ‘Mistérios do Coleccionismo’, já sabemos que eles existem e provavelmente quem estuda o fenómeno poderá involuntariamente praticar erros nas informações que presta. Quando formei o Clube Português de Banda Desenhada, cheguei a publicar uma Listagem das Revistas que tinham saído em Portugal no “Boletim Informativo” e nessa altura cometi muitos erros, mas era a única que havia, baseada na minha colecção de revistas. Nunca ninguém tinha feito alguma. Mas foi útil para muita gente, porque permitiu que muitos coleccionadores portugueses se baseassem nela para completar as suas colecções. Ela pecou por defeito, pois se eu não tinha a revista, não poderia incluir na Listagem a sua referência, mas com os anos a coisa foi-se compondo e hoje quase que se pode dizer que ela está nos 97%. Como exemplo disso, lembro que os Suplementos Infantis dos jornais portugueses onde seria publicada muita Banda Desenhada, os erros eram crassos e ultrapassavam o aceitável. “Pim-Pam-Pum”, “Norte Infantil”, “Notícias Miudinho”, “Tiroliro” e “Joaninha”, este último era suplemento de uma revista, são alguns dos exemplos. Foram precisas décadas para chegarmos a uma conclusão.

Interessei-me pelo ‘Quase Quadrinhos’. No que respeita às edições da Bruguera, elas também foram publicadas em Portugal (pelas editoras Íbis e Bertrand); mas tanto quanto sei, foram assim inicialmente concebidas. Não houve nenhuma intenção de aproveitar algumas páginas de Histórias aos Quadrinhos já concebidas, para alternar com o texto da obra.

Li todos os outros artigos de grande interesse e agradeço-lhe a oportunidade que nos dá de ter acesso a toda essa informação. Não deixei de ler também a sua correspondência e reparei no que diz sobre Josep Toutain, infelizmente já falecido e a quem muito devem os desenhadores espanhóis, embora também, temos que admitir, que os desenhadores espanhóis o mereceram por moto próprio. Josep Toutain correspondeu-se comigo durante muitos anos e embora possa haver dúvidas, foi ele que conseguiu implementar os desenhadores espanhóis nos Estados Unidos da América. Não digo que por troca de trabalhos, mas porque ele ao deslocar-se à Warren, foi portador de lindos portfólios executados por bons artistas da época, hoje quase todos eles já desaparecidos: Enric Sió, Leopold Sanchez, José Ortiz, Adolfo Usero, Fernando Fernandez, Carlos Gimenez, Pepe Gonzalez, Esteban Maroto, Victor de la Fuente, Josep Maria Béa, Jordi Bernet, Alfonso Font e Luís Garcia e se calhar não incluo todos. Era um manancial de artistas de grande craveira, que, embora alguns já tivessem trabalhos executados para a Fleetway (Inglaterra) e outras editoras estrangeiras, não possuíam a projecção internacional que Josep Toutain lhe conseguirá ao longo dos anos, através de sua Agência S. I. (Selecciones Ilustradas). É natural que acabasse por existir um intercâmbio entre os desenhadores norte-americanos e estes. Depois, aproveitar todos eles para as suas revistas, quando criaria a sua editora, seria um passo. “1984”, “Zona 84”, “Totem El Comix”, “Creepy”, “Comix Internacional”, “Thriller”, “Torpedo”, “Totem” etc. foram algumas das suas edições onde estes gigantes da arte nos deixaram fabulosas histórias, autênticas obras-primas da 9ª Arte.

Ainda bem que é tão novo, pois poderá ainda fazer muito pela Banda Desenhada, o mais engraçado de tudo isso e comigo acontecia o mesmo, quando trabalhamos e temos um hobby, conseguimos produzir muito mais de quando já não mais trabalhamos. Aproveito para enviar uns textos que um amigo meu, de antigas lides da 9ª Arte, resolveria lançar na internet, depois de eu ter feito para a Câmara Municipal de Amadora (uma cidade ligada à Lisboa) uma Exposição sobre Construções de Armar. Penso que o assunto não é desconhecido para si, embora no Brasil e com muitas raras excepções (como as revistas “O Tico-Tico” e “Recreio”), quase nenhuma revista publicaria esse material. Em Portugal, muitas revistas publicariam essas separatas – eram os brinquedos de antigamente.

*De fato, parece que os livros da Bruguera não adaptaram HQs já existentes, eu deduzi que isso havia ocorrido por analogia a outros casos, como os livros de Príncipe Valente. Dessa coleção da Bruguera, eu tenho dois volumes de Bonanza e nenhuma das duas histórias foi adaptada dos comic books publicados originalmente pela Dell e que saíram aqui pela Cruzeiro. As histórias da Bruguera têm a assinatura de um tal Edmond, são histórias mais longas que as de comic books e têm tamanho de página e divisão dos quadros diferentes. Mas há duas peculiaridades. A primeira é que, embora intercale três páginas de texto entre cada página de HQ, é possível ler somente as páginas de quadrinhos sem qualquer prejuízo. A outra é que o Edmond desenhou tudo, menos os rostos dos personagens principais, o pai e os filhos Cartwright; estes foram colados usando desenhos distintos, talvez estes retirados dos comic books.*

---

**LANCELOTT BARTOLOMEU MARTINS**

R. Dr. João Candido, 1340 – Parnaíba – PI – 64218-410

---

Um dia, aqui no “face”, em conversa com o Jodil, ele me disse a seu respeito:

“O cara é fera! Escritor, desenhista e um dos maiores incentivadores e divulgadores das artes e publicações underground brasileiras. Estive numa entrega do Prêmio Angelo Agostini, na Biblioteca Viriato Correa, São Paulo-SP, quando ele lançou o nº 0 do “IQI” (frente e verso), divulgando sua inovadora proposta. Ficamos amigos, embora distantes, e nos encontramos em vários eventos, como o da foto, noite de autógrafos do álbum de HQ de Zé do Caixão, arte de Laudo Ferreira Jr., no Centro Cultural do Banco Nacional, São Paulo-SP. Tenho os zines até o nº 100, quando pensou em encerrar a odisseia.”

E postou uma foto tua antiga, que aproveitei para te fazer uma homenagem como nosso super-herói, fiz este desenho que segue, e como é uma homenagem a um fanzineiro das antigas, o fiz pensando ser a capa do próximo “QI”.

---

**CESAR RICARDO TOMÁS DA SILVA**

R. dos Vianas, 500/71 – São Bernardo do Campo – SP – 09760-000

---

A propósito desta última edição, há várias coisas legais que eu gostaria de comentar, como, por exemplo, o lance dos quadrinhos de fronteira, que não são nem bem quadrinhos nem bem outra coisa. Um exemplo bastante significativo, e do qual eu gostei muito, foi o livro “A Invenção de Hugo Cabret”, que tem 70% de sua narrativa em forma gráfica sequencial. É um lindo trabalho, você viu?

---

**KENZO FUJIMOTO**

C.P. 339 – Campo Grande – MS – 79002-970

---

Fiquei muito satisfeito em saber que você não se desligou dos fanzineiros e gibizeiros e que continua “a toda brida” com o “QI”, embora, como você diz, tenha caído a tiragem. Mas vai lá saber, de repente poderá subir de novo. Quando você diz que o “QI” ficou bem melhor em relação às matérias, imagino que deve ter ficado mesmo. E muito bom, já que era ótimo do jeito que era. Experiência e boa vontade são itens de suma importância em qualquer empreendimento e isso não lhe falta. Envio o valor da assinatura e tomarei mais cuidado quanto ao seu término.

Recebi os excelentes “QIs”, todos de ótimo conteúdo, ótimas capas, ótimas matérias, tudo ótimo. ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Quadros em Sequência?’, ‘Tintin’, ‘28’ Angelo Agostini’, ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, ‘Edições Independentes’, ‘O Fim dos Fanzines’, ‘Heróis Brasileiros’, ‘Quadrinhos Brasileiros Bissextos’, ‘Lançamentos Sérgio Luiz Franque’ (que merecia ter uma Ebal ou Rio Gráfica para contratá-lo), ‘Quase Quadrinhos’, ‘Tirando o Chapéu’, ‘As Caras do Brasil’, ‘Considerações Sobre o QI’ e tudo o mais, principalmente o ‘Fórum’, que está muito bom. Sobre Juvêncio, o Edmundo Rodrigues também o desenhou e assinou as HQs com o seu próprio nome e não só com o pseudônimo. Recebi também o ‘cotidiano alterado’, que está muito bom. Seguem alguns fanzines meus, que acabei de xerocar, neste ano de 2012 não tive tempo de imprimi-los, terminá-los e colocar nos Correios. Muito trabalho e deveres familiares me impediram, mas já estou regularizando e em breve estarei em dia com a distribuição dos fanzines.

---

**LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO**

C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Gostei do ‘outros cotidianos alterados’ (Krazy Kat). Síntese perfeita. Poderia ser um verbete para uma enciclopédia de HQ. A sua série ‘Mistérios do Coleccionismo’ continua esclarecedora e importante. Como já disse em outra ocasião, é lamentável não haver uma obra com toda a História de nossas editoras de quadrinhos e suas revistas. A memória histórica do Brasil é conhecida como sendo muito curta, portanto, daqui a poucas décadas não será difícil todo esse passado editorial de nossas revistas em quadrinhos estar totalmente apagado. Nos Estados Unidos, dezenas de livros resgatam todo o passado das revistas em quadrinhos, das editoras e das pessoas ligadas ao assunto. Infelizmente, no Brasil, pouco temos a respeito, embora as nossas editoras de quadrinhos tivessem representado papel de importância na imprensa brasileira. Eu entendo que uma obra retratando, de forma detalhada, todas as nossas editoras de quadrinhos e suas revistas seria algo muito trabalhoso, pois uma boa parte dos arquivos das velhas editoras já inexistem hoje. Só mesmo velhas coleções e a memória de colecionadores poderiam ajudar. No entanto, fica a pergunta: valeria a pena ou haveria uma recompensa financeira para uma obra assim dentro de um mercado restrito como o nosso?

Quanto ao “Tim Relâmpago”, eu não sei quantos números saíram na Ebal, mas a edição americana, publicada pela Dell, é composta de 24 números, publicados de 1952 a 1959. O título original é “The Range Rider”, baseado numa série de TV (1951-54) com Jock Mahoney. Outro título da Ebal mencionado foi “Cheyenne”. Também não sei quantos números saíram pela Ebal, mas a Dell publicou 25, embora 3 tenham sido com “Bronco”, outra série de TV. Essas revistas da Dell baseadas em séries de televisão geralmente traziam histórias originais, no entanto, em “Cheyenne”, 12 histórias foram adaptações de episódios da TV. Quando a revista da Dell foi cancelada, a Ebal inventou o tal “Filho de Cheyenne”. Esse material nada tinha a ver com Cheyenne Bodie, o personagem interpretado por Clint Walker na série de TV. Era “Cheyenne Kid”, revista da Charlton Comics. Quanto à revista “O Poderoso”, também da Ebal, nela havia o material da Dell Comics e também as tiras diárias inglesas (“Gun Law”) de Harry Bishop. Estas foram publicadas nos n°s 23 a 32 e em mais dois almanaques. As tiras inglesas eram bem superiores ao material dos comics da Dell.

*Das várias tentativas de fazer uma obra mais encorpada sobre a história das revistas de quadrinhos no Brasil, uma que mereça destaque é a tentada por Ota (Octacilio d’Assunção Barros). Ota tentou obter uma bolsa entre as várias entidades (públicas ou particulares) de fomento à pesquisa, de modo que pudesse ser remunerado mensalmente para realizar o serviço. Como é feito aos milhares nas universidades. Não conseguiu. Não seria difícil se algum acadêmico com algum despojamento fizesse a intermediação entre a necessidade e os requisitos burocráticos.*

Em mãos o “QI” 116 em uma edição de tirar o chapéu. Está ótima em todos os aspectos. Desde a impressão, textos e o complemento ‘cotidiano alterado’, que vou acompanhar até o final. Parabéns! Na minha carta publicada nesse número, comentei sobre a ausência dos quadrinhos de outrora em circulação no Brasil. Para minha surpresa, encontrei na banca a revista “Gasparzinho” n° 1, publicada pela Pixel, porém em formatinho. Mas foi uma grata surpresa. É um alento quando vemos um personagem voltar a ser publicado. São criações que conquistaram uma legião de admiradores, crianças, adultos, inúmeros artistas, inventores de personagens que se tornaram ícones e sobreviveram mesmo à morte de seus criadores, verdadeiros mitos de uma arte que nunca foi colocada emuntuosas molduras, a não ser o limite de seus quadros. Uma arte que em seu princípio teve o caráter de arte menor, associada aos pulp fiction books, uma literatura barata e popular. As HQs sempre estiveram presentes ao longo de toda a história da humanidade, como uma forma de expressão sequencial que um dia foi batizada de História em Quadrinhos ou Banda Desenhada, como preferem os portugueses, mas que no fundo sempre foi marginalizada, como provam os comic codes da época. Lembro que, quando conheci os super-heróis, eu também queria se um. Os gibis sempre faziam parte da minha imaginação. Esses personagens antológicos, da década de 1960, marcaram o início da gloriosa Era Marvel, quando seus criadores, o editor Stan Lee e o desenhista Jack Kirby introduziram problemas existenciais no gênero super-heróis. Ambos escreviam as histórias do Quarteto Fantástico, que foi o primeiro grupo de heróis criado para a Marvel e se tornou um divisor de águas nos comics americanos. Os personagens Reed, Ben, Sue e Johnny enfrentaram problemas de despejo, reclamações de vizinhos e diversas dificuldades comuns ao dia-a-dia das pessoas, enquanto tinham que enfrentar perigosos vilões! Nem uniformes eles vestiam nas duas primeiras edições da revista. Algo totalmente novo e criativo para a época. Ainda na década de 1960, os leitores seriam apresentados a Galactus, o Devorador de Mundos, e seu arauto, o Surfista Prateado, este uma criação exclusiva de Kirby. O Surfista Prateado passou de vilão a herói, ao se voltar contra o poderoso ser que ele servia. Uma imaginação e tanto do nosso gênio criador! Como sempre acontecia, o Brasil só conheceu esses personagens muito tempo depois. O Quarteto Fantástico só foi lançado por aqui em janeiro de 1970, na revista mensal “Estréia” da Ebal. A trilogia que apresentou Galactus e Surfista Prateado chegou também com muito atraso e só foi publicada em 1974, na revista do Homem-Aranha. Esse atraso causou um fato inusitado: Galactus apareceu primeiro numa história do Thor publicada em sua revista mensal “Álbum Gigante” lançada em maio de 1970 pela Ebal. Ou seja, os brasileiros conheceram primeiro Galactus e só quatro anos depois tiveram contato com o Surfista. Mesmo assim, ninguém se importou, pois o fascínio já existia. Alguns personagens podem até não estarem sendo publicados por editora, mas com certeza farão parte da nossa memória e se tornarão imortais para seus fãs e curtidores de quadrinhos.

*Em relação aos heróis Marvel, a Panini tentou publicar aqui as Bibliotecas Históricas com as aventuras dos principais heróis em ordem cronológica. Minha expectativa era em relação ao Quarteto, poder finalmente ver toda a fase criativa de Kirby em ordem. A Panini só publicou o primeiro volume, com os dez primeiros números da revista, que só trouxeram péssimas histórias. A fase criativa só viria depois. Que pena!*

---

**ROGÉRIO SALGADO**

C.P. 836 – Belo Horizonte – MG – 30161-970

Na década de 1980, eu editei a “Revista Arte Quintal”, com a qual mantínhamos intercâmbio com fanzines de todo o país e até do exterior. Era uma coisa muito legal, de calor humano. Conhecíamos o trabalho do outro e o outro conhecia nosso trabalho. Com o Plano Collorido, a revista fechou as portas, o tempo passou e com o advento da internet muitos desses fanzines desapareceram. Agora, com seu “QI”, do qual recebi o n° 116, vejo que a força ainda está com quem tem personalidade e não deixa a peteca cair.



**JOSÉ SALLES**

C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970

Obrigado pelo apoio de sempre, os comentários sobre o “QI” eu venho fazendo no blog da Júpiter II: www.jupiter2hq.blogspot.com. Só reafirmo aqui a boa surpresa que foi o ‘cotidiano alterado’, especialmente comentando sobre o impagável Krazy Kat de George Herriman.

**ANTONIO PEREIRA MELLO**

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS - 97045350

Gostei de tudo no “QI”, li da primeira à última página, e meditei sobre o que escreveu o meu amigo Alex Sampaio. Ele disse o que eu também penso a respeito das HQs da Era de Ouro, os desenhos, os roteiros tornavam as HQs muitíssimo boas. As editoras atualmente não publicam heróis do passado, e os atuais não me chamam a atenção, por isso prefiro os fanzines e ainda dou preferência às HQs brasileiras. Também prefiro heróis humanos, que têm sentimentos, que ficam doentes e podem morrer, não gosto muito de super-heróis invencíveis, mas, enfim, não critico quem gosta deles.

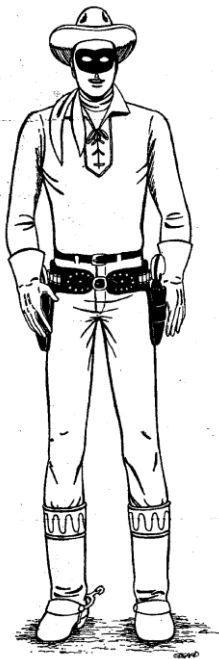
**LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA**

C.P. 05 – Taubaté- SP – 12010-970

Estou lhe enviando algumas tiras minhas para sua apreciação. Outro motivo pelo qual lhe escrevo é para comentar as novas publicações da editora Pixel, eles estão relançando histórias antigas do Gasparzinho, o Fantasminha Camarada, do marinheiro Popeye e do Riquinho, entre outros, algumas histórias com datas das décadas de 193, 1950 e 1970. Vale a pena conferir e apoiar a iniciativa, comprando para que mais lançamentos saiam.

**ARQUEOLOGIA POSTAL**

Carta enviada a Aimar Aguiar em 20 de março de 1981.



HÁ MUITO TEMPO QUE ESTOU  
TENHANDO EM LHE ESCREVER; EU JÁ  
HAVIA VISTO UM ANÚNCIO SEU EM SPECTRO.  
DÓ AGORA, DEPOIS DE TER LIDO SUA CARTA  
EM HISTORIETA 4 É QUE RESOLVI  
ESCREVER ESTA CARTA.

MEU PROPÓSITO É FAZER UMA  
ASSINATURA DO SEU "NOSTALGIA DOS  
QUADRINHOS", ASSIM COMO ADQUIRIR OS  
NÚMEROS ATRASADOS. POR ISSO, PEÇO-LHE  
QUE ME RESPONDA WRURMANDO O PREÇO  
DE SEU FANZINE, QUAIS NÚMEROS VOCÊ  
AINDA TEM, ETC.

TÃO LOGO EU RECEBA SUA RES-  
POSTA, CUIDAREI DE LHE ENVIAR UMA  
VALE POSTAL NA QUANTIA DA ASSINATURA  
MAIS O VALOR DOS NÚMEROS JÁ EDITADOS  
QUE VOCÊ AINDA TERVA.

JUNTO A ESTA CARTA, ENVIO-LHE  
UM ANÚNCIO EM QUADRINHOS DE HISTORIETA,  
PEDINDO QUE VOCÊ AJUDE A DIVULGAR ESTA  
REVISTA; QUE ELA NÃO ACABE POR FALTA  
DE LEITORES.

GRATO PELA REAÇÃO, ME DESPEÇO,  
DESEJANDO LONGA VIDA AO SEU FANZINE,

ATEUICIOSAMENTE,

EDGARD

EDGARD DECEZ DE FERRAZ, 641 MARQUES  
PARÇA GETULIO VARGAS, 21 • BRASÓPOLIS • MG  
57530

**LARÍ FRANCESCHETTO**

R. João L. Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000

Muito grato, de fê e com estima, pela generosidade e pela publicação de meu poema ‘Investigação’! Divulgo seu trabalho há tempos, via intercâmbio cultural para outros poetas, escritores, cartunistas e afins. É o mínimo que posso fazer, retribuindo seu apoio relevante. Uma de minhas indicações foi o Adão Wons.

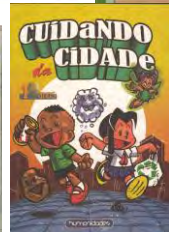
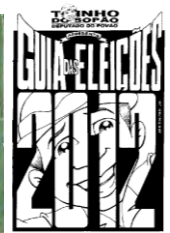
**ROSANGELA CARVALHO**

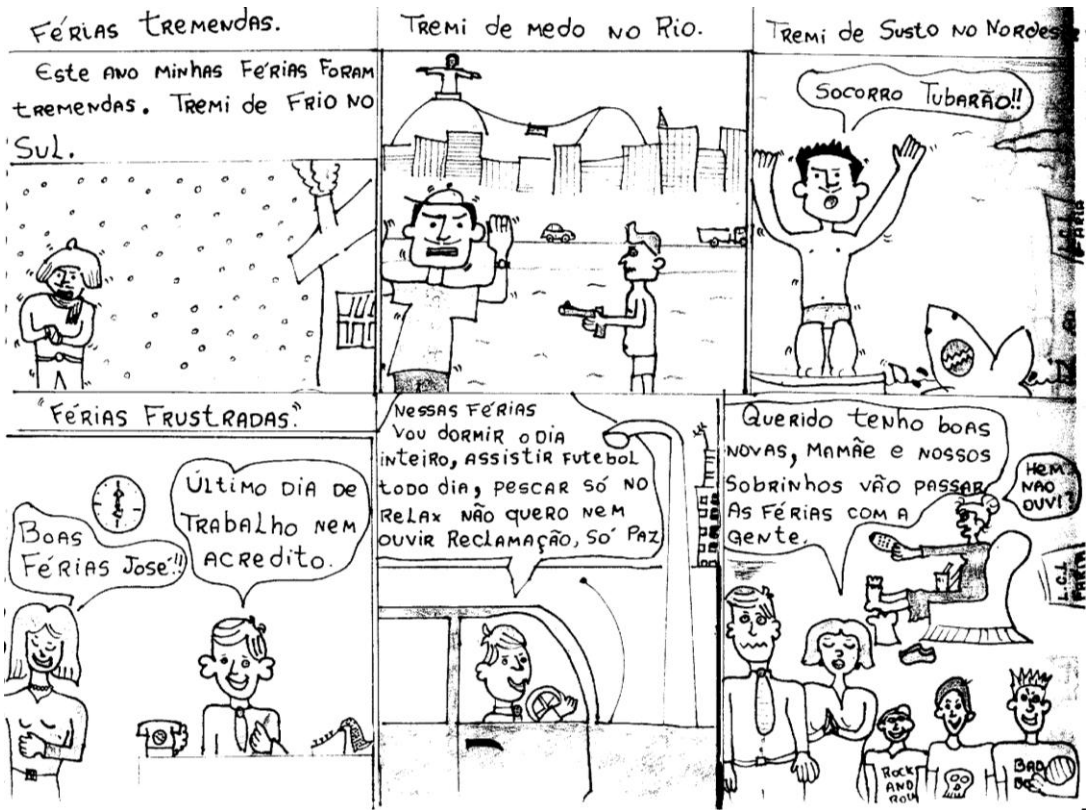
C.P. 5366 – AC Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971

Eu já li muito HQs da minha época, como Recruta Zero, Fantasma, de terror, eram os gibis de minha época jovem. Passava tudo para frente, um primo é que ficava com as revistinhas. Recordo-me do anel de caveira e da casa do Fantasma. Era apaixonada por este. Tinha Mandrake, Luluzinha, Riquinho e outros que não me recordo.

**QUADRINHOS INSTITUCIONAIS**

Marcelo Dolabella enviou um folheto ilustrado sobre cordialidade, produzido pela Universidade Federal de Minas Gerais; e um folheto ilustrado sobre cuidados com piolhos, cortesia do medicamento Tetmosol. Henrique Magalhães enviou o panfleto em quadrinhos com a campanha de Toinho do Sopão para Deputado, produção de Jerônimo Jr. Paulo Joubert Alves enviou folheto ilustrado da Prefeitura de Belo Horizonte sobre limpeza pública; folheto em quadrinhos feito para a campanha do candidato Agnaldo à Prefeitura de Santa Luzia; HQs de ‘Chic & Choc’ com dicas sobre eletricidade, feitas para a CEMIG, publicadas no jornal “Super Notícia”; seção do mesmo jornal com piadas sobre as Olimpíadas usando fotos e balões. Alex Sampaio enviou a revista em quadrinhos “Cuidando da Cidade”, publicada pela editora Humanidades, com desenhos de Luis Augusto e Diego Savaia.





Tiras de Luiz Cláudio Lopes Faria.

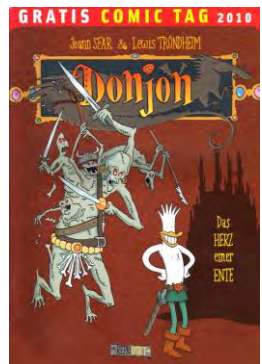
## PUBLICAÇÕES ALEMÃS

Edgard Guimarães

Luciano Freiberger me enviou várias edições de quadrinhos publicadas na Alemanha, a maioria publicações independentes, todas com um denominador comum, a altíssima qualidade gráfica. Duas delas, no entanto, merecem comentário especial. “Björn” é uma publicação no chamado formato “cheque”, que, na Itália, consagrou Tex em seu começo, e foi muito utilizado no Brasil na década de 1950, sempre com material de origem italiana. “Xuxá”, “Pequeno Xerife” e “Júnior” são os títulos mais conhecidos, todos publicados por centenas de números, em várias séries. Hoje, no entanto, este formato está praticamente morto. Ou parecia estar, pois “Björn” tinha ultrapassado a centena de números em 2004, data do exemplar que tenho em mãos. São 36 páginas, no formato 170x80mm, cada página contendo uma tira de 1 ou 2 quadrinhos. Um formato que permitiu que seu autor pudesse mostrar seu trabalho, e que talvez ainda possa ser considerado como opção. Outra experiência muito interessante, pelo que entendi, é uma revista grátis



trazendo o material completo de um álbum de quadrinhos. Um dos exemplares que recebi traz um álbum de Donjon, famoso personagem criado por Joann Sfar e Lewis Trondheim. A revista, num formato menor que o de álbum, mas com impressão colorida de ótima qualidade, traz uma aventura completa do personagem, e não uma amostra, e no fim, anuncia todos os



# CONSIDERAÇÕES SOBRE O “QI”

Edgard Guimarães

*Entrevista concedida em 2007 para um Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema principal foi a produção do “QI”.*

## PROCESSO DE PRODUÇÃO DO “QI”

*Foi estudada outra possibilidade de realizar a produção de outra maneira, senão off-set?*

A escolha do off-set teve duas razões. Primeiro, para tiragens maiores tem custo unitário menor. Segundo, a qualidade de impressão seria melhor, pelo menos na época em que a qualidade das cópias xerográficas não era muito constante. Hoje, talvez o problema não apareça na maioria das vezes, mas a cópia chapada (com muito fundo preto, coisa comum em HQs) não era fácil de obter em qualquer máquina copiadora; a maioria, principalmente as da Xerox, não tinha capacidade para isso. Então a xerografia estava descartada como meio de reprodução. Havia algumas máquinas que conseguiam boa cópia chapada, mas estas cópias custavam mais caro. Havia uma casa copiadora que eu utilizava que cobrava 10 vezes mais pela cópia com chapado. Hoje em dia, a cópia em off-set continua sendo mais barata, mas para tiragens em trono de 1000 exemplares ou mais. Para tiragens de 500 ou menos, o custo é equivalente ao da cópia xerográfica. Por isso, como o “QI” está com tiragem mais baixa, a partir do número 101 passarei a imprimir em xerografia. Existe uma alternativa à máquina xerográfica que é a máquina duplicadora à tinta (antigamente chamada de mimeógrafo à tinta). Teoricamente o custo é menor do que a cópia xerográfica, a qualidade também é menor, mas estas máquinas não são encontradas com facilidade. O mimeógrafo a álcool é uma solução subestimada por muitos, mas atraente para trabalhos que tragam somente texto e para tiragens até 100 exemplares, pois a cópia sai muito mais barata. Para o “QI” não serve, mas ainda penso em utilizá-lo em algum trabalho em que seja adequado.

*Na próxima fase do “QI” foi informado que o processo xerox será utilizado. Isso quer dizer que o processo de reprodução partirá de um original que será fotocopiado e enviado para os leitores?*

A maneira de fazer o “QI” praticamente não terá alteração. Eu posso fazer a impressão dos originais em papel usando a impressora laser, como faço atualmente no vegetal. Aí levaria os originais em papel para tirar as cópias em máquina xerográfica. No entanto, a gráfica onde faço o “QI” hoje também faz impressão digital. A impressão digital é a mesma coisa que a cópia xerográfica, só que feita a partir de original em arquivo eletrônico, em vez de papel. A impressora digital é uma grande impressora laser, que por sua vez usa o mesmo processo de reprodução que a máquina xerográfica. Então, em vez de imprimir o original do “QI” em papel, salvarei o arquivo em CD ou pendrive e este será levado à gráfica. A partir do arquivo, a impressora digital faz as cópias. O custo é equivalente ao da cópia xerográfica. Como a quantidade de cópias não será pequena, o custo fica bem razoável. A qualidade ficará muito boa (melhor do que fica no off-set), pois haverá apenas uma transferência de imagem (do arquivo para o papel) – no off-set há três transferências: do arquivo para o vegetal, do vegetal para a chapa e da chapa para o papel. No off-set a transferência da chapa para o papel tem etapa intermediária, primeiro passa da chapa para o cilindro da máquina e do cilindro para o papel. Mas isso também ocorre na xerografia – a imagem passa pelo cilindro para chegar ao papel.

*Foi informado que o processo de reprodução digital não é competitivo com o processo xerográfico. O processo de reprodução digital que você descreve é o que usa o CTP (Computer-to-Plate, onde a produção de uma publicação é realizada sem a geração de fotolitos e papel vegetal)? Ou no caso a impressão através de impressoras a laser e jato de tinta?*

A chamada impressão digital nada mais é do que uma impressora laser própria para grandes velocidades e grande volume de impressão. O processo de impressão é o mesmo da impressão xerográfica com toner sólido (em pó). Antigamente havia uma copiadora que usava “toner líquido”, na verdade era um tipo de impressora que usava tinta, não era xerográfica (e nem poderia pois Xero significa “seco”). Na copiadora xerográfica, uma lâmpada ilumina o original no papel e a reflexão dessa luz sensibiliza um cilindro especial onde o pó do toner é depositado apenas nos locais que correspondem à parte preta da imagem. Assim a imagem do papel é transferida para o cilindro. Em seguida este toner do cilindro é depositado num papel branco, e assim a imagem é transferida do cilindro para o papel. Este é então passado por uma alta temperatura (uns 300 graus) e o pó do toner é fundido no papel. Na impressora laser, a diferença é que o cilindro é sensibilizado por uma fonte luminosa que não é o reflexo de uma imagem do original em papel. A fonte luminosa gera a luz a partir de informações eletrônicas gravadas em um arquivo de computador. O restante do processo é igual ao da copiadora. Ora, se é assim, então os custos de cópia de máquina xerográfica, impressora laser e a impressão digital deveriam ser exatamente os mesmos. No entanto, as empresas têm uma vasta gama de recursos para explorar os clientes. Embora o toner para impressora laser seja exatamente o mesmo usado em máquinas xerográficas, seu custo para o cliente é MUITO maior. Por quê? Porque o cliente paga. Então, durante um certo tempo, a impressão digital teve um custo maior do que a cópia xerográfica, embora não haja razão técnica para isso. Mas o tempo passa e o mundo muda. Hoje, na gráfica com quem trabalho, a cópia na impressora digital sai pelo mesmo preço do que a cópia na máquina xerográfica. Ou seja, o mercado foi se adaptando e as empresas fornecedoras de insumos foram obrigadas a igualar os preços de toner das máquinas copiadoras e impressoras digitais, pelo menos para um certo porte de máquinas. Conheço alguns editores independentes que têm procurado imprimir suas publicações usando impressoras laser pequenas. Estes são obrigados a arcar com um custo de impressão muito alto, pois o custo do toner da laser continua muito mais alto do que o da xerox.

## PROJETO GRÁFICO DO “QI”

*O projeto gráfico do “QI” apresenta pouquíssimas variações no decorrer de sua história. Como foi relatado em nossos últimos contatos, deve-se ao fato de que para você o conteúdo apresenta maior importância e não deve competir com aspectos estéticos. Contudo, gostaria de detalhar mais como foram feitas algumas decisões para chegar ao resultado final.*

*O projeto gráfico do “QI” foi baseado em alguma outra publicação?*

Não, embora haja uma grande quantidade de publicações informativas com diagramação parecida, como os fanzines “Marca de Fantasia”, “Repórter HQ”, “Alegoria” etc. Isto é porque é a forma mais simples e eficiente de fazer um fanzine. Como disse, a divisão em duas colunas com um tamanho de letra pequeno é bem eficiente em termos de concentrar informação.

*Desde a edição nº 0 a revista apresenta o mesmo formato de meio ofício. Por que esse formato foi adotado? Em algum momento foi considerado utilizar outro formato?*

O formato meio ofício na verdade é a metade do formato ofício 2, que tem altura de 330mm enquanto que o ofício tem altura 315mm. Então sempre usei o ofício 2 dobrado ao meio. Esse formato é o mais eficiente para concentrar informação. O formato ofício 2 é o maior tamanho de papel facilmente encontrável e que passa na maioria das máquinas xerográficas. Hoje o formato A4 está bem mais popularizado do que na época em que comecei o “QI”. A dobra do ofício 2 ao meio permite uma edição mais prática com o dobro de páginas, e o resultado é uma edição mais barata com o mesmo conteúdo. A restrição do meio ofício é em relação às HQs. Para a publicação de uma página de HQ realista, é melhor um tamanho maior como o ofício 2 ou mesmo o A4. Meu fanzine “Psiu” era publicado em formato ofício 2 para permitir uma melhor apreciação dos desenhos das HQs. Mas o “QI” não foi criado para publicar HQs, então o formato meio ofício 2 se apresentou como ideal.

*Foi informado que você não aprecia utilizar diversas cores em seu trabalho. E dentro do “QI” a impressão é realizada somente com uma cor. Essa decisão foi unicamente financeira, ou, caso existisse a possibilidade de trabalhar com mais cores, elas seriam utilizadas.*

Há dois aspectos. Embora eu não tenha nenhuma rejeição a trabalhos coloridos, eu aprecio bastante os trabalhos em preto e branco. Veja as publicações de quadrinhos atualmente nas bancas. Toda a linha de quadrinhos italianos de aventura (Tex, Zagor, Mágico Vento) e de quadrinhos japoneses (os mangás) são em preto e branco e tem seu público. O grande sucesso de vendas do Maurício de Sousa recentemente foi o lançamento da Turma da Mônica Jovem, e, embora o Maurício tenha recursos para fazer a revista colorida, manteve em preto e branco para se identificar mais com o mangá. Então a publicação de HQ em preto e branco não é apenas uma questão de não ter condições de publicar em cores. No caso do “QI”, no entanto, a razão é puramente econômica. Na gráfica que utilizo, uma cópia xerográfica, para um volume maior de cópias pode chegar a 7 centavos. Uma cópia colorida não fica por menos de UM real. Ou seja, QUATORZE vezes mais. Na nova fase do “QI”, já pensei em pelo menos fazer a capa colorida, mas o problema continua, a capa custaria mais do que todo o resto da revista. Há alguns editores que fazem fanzines quase totalmente coloridos usando impressora jato de tinta para a impressão. Só que o fanzine fica muito caro e este não é meu objetivo. Em relação às páginas com texto, então a questão é outra. Para a melhor eficiência da leitura, no meu entender, a impressão tem que ser em preto sobre o papel branco. A ideia de que revistas com páginas coloridas atraem o leitor é equivocada. Talvez atraiam para comprar a revista, mas não para ler os textos.

*Sendo leitor do “QI”, não consegui identificar alterações na fonte utilizada nos textos presentes dentro da revista (no caso seria o Times New Roman?). Em algum momento existiu alguma modificação na fonte utilizada?*

Talvez eventualmente eu tenha utilizado alguma outra fonte, mas a fonte Times New Roman foi a escolhida para praticamente a totalidade dos textos, pois, como já disse, considero esta fonte a que menos interfere na leitura. Não faz muito tempo o jornal “Folha de S. Paulo” pagou uma fortuna para uma empresa estrangeira desenvolver um tipo de fonte exclusiva para o jornal. A única vantagem disso é o jornal dizer que usa um tipo exclusivo de fonte, pois a leitura ficou menos agradável.

*Existiu algum processo de escolha para a fonte que seria utilizada no “QI”? E se seria utilizada diferentes fontes para cada elemento presente (corpo de texto, títulos, etc.).*

De onde eu tirei a ideia de que a fonte Times New Roman propiciaria leitura mais agradável? Li em algum lugar que foi feita uma pesquisa em relação a isso. Mas note que esta fonte é uma pequena variação da New Roman feita pelo jornal “Times”. Na verdade, a qualidade está na fonte Roman ou New Roman, que é bem antiga. O fato de usar especificamente a TIMES New Roman é que ela está disponível no Word. Por isso, o processo de escolha foi bem simples, minha prioridade é o conteúdo do texto e não quero que o leitor seja distraído por “eventos externos” como o tipo de fonte, a diagramação “moderna” ou os irritantes pisca-piscas dos banners presentes nos sites informativos. Como curiosidade, eu já “inventei” uma variação da Times New Roman. Eu publiquei um livro sobre a dupla de autores de HQs Rubens Lucchetti e Nico Rosso, um livro de 312 páginas trazendo dezenas de HQs de terror e textos sobre os autores. Para os textos, escolhi a fonte Times New Roman. Mas para os títulos das matérias eu queria uma fonte que sugerisse o tema terror. Procurei nas fontes disponíveis no Word e não encontrei nada que me agradasse. Então minha solução foi a seguinte. Imprimi os títulos com a fonte Times New Roman num tamanho pequeno em uma impressora matricial de baixa qualidade. Aí ampliei os títulos com uma máquina xerográfica. Assim as imperfeições da impressão da matricial ficaram evidentes. Então tornei a reduzir para o tamanho adequado para os títulos. O resultado foi uma nova fonte Times New Roman, agora adequada para títulos de uma publicação de terror.



# MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

## AGSTER, OS QUADRINHOS SURFISTAS

Em fevereiro de 1990, surgiu nas bancas de jornais a revista em quadrinhos “Agster”, com uma proposta bem diferente. Agster é um surfista radical que passa a vida entre as ondas e a praia. Considerado pelos autores como o primeiro quadrinho de surf, o personagem é uma criação gráfica de Mauro Corveloni e de Eduardo Augusto César, com a supervisão de Athamar Terrell. Na verdade, Agster era a logomarca da empresa do mesmo nome que trabalha no universo do surf, vendendo produtos (pranchas, equipamentos e roupas) e fazendo eventos relacionados à temática.

De logomarca (a empresa foi criada em 1981 e possivelmente o boneco veio logo depois) cultuada pelos consumidores, deve ter surgido a ideia de dar vida ao surfista loiro, com cara de enfezado, através dos quadrinhos. A realização foi muito feliz. Agster, que curiosamente tinha dois cigarros acesos na boca na logomarca (mas nas HQs ele não fuma!), teve seu universo desenvolvido como um jovem esportista que participa de competições eventuais de surf, vive perto da praia na casa da avó (também surfista!) dona Ondina, além do amigo Palito, contracena com lindas garotas que ele namora e transa.

Além de uma composição artística muito inspirada, os roteiros são muito bem construídos, dando especial atenção à defesa da ecologia marítima, à poluição, às espécies ameaçadas e sagração do surf como estilo de vida. A linguagem usada pelos personagens tem algum maneirismo das gírias dos surfistas, mas os autores optaram por não exagerar! Outra novidade é que as HQs apresentam muito merchandising inserido nas histórias (os personagens usam camisetas de marca, os eventos são patrocinados por empresas reais, rádios FM de rock dão apoio e logotipos aparecem no rodapé das páginas) e uma boa quantidade de páginas de anúncios (de empresas relacionadas ao surf), inclusive com duas páginas coloridas, apesar das HQs serem em preto e branco.

A revista também tinha ‘Curiosidades’, ‘Toque Ecológico’, ‘Perfil’ com pequenas biografias de surfistas, ‘Box 95’, uma seção de cartas e contatos com os leitores e até um concurso do ‘Agster Surf Club’, em que os concorrentes recortavam três selos (publicados nos nºs 4, 5, e 6 da revista) para concorrer ao sorteio de uma prancha de surf. Interessante que, apesar da figura da logomarca apresentar um surfista murrado com cigarro na boca, visual desleixado e prancha semidetoadada com uma folha de maconha pintada, o personagem da revista é um jovem normal que não fuma, pratica muito surf, transa com garotas lindas e tem uma consciência ecológica muito firme. Tanto que o principal slogan que aparecia na revista era o clássico: “Destrua as Ondas, Não as Praias”. Certamente os autores resolveram amenizar o argumento para criar um universo mais interessante para o personagem. Percebe-se que os autores tinham muito bom conhecimento da arte do surf e de todos os seus movimentos e maneirismo, além de serem assessorados por atletas do estilo.

“Agster” teve duas editoras. Os dois primeiros números saíram pela Sew Editora Promoção e Propaganda Ltda., localizada na Rua Cornélio Procópio, 55, São Paulo (SP) e depois identificada pela Caixa Postal 18818, em São Paulo (SP). A seguir foi editada pela MEP do Brasil – Marketing, Edições, Publicações Ltda., no mesmo endereço e com os mesmos profissionais: Athamar Terrell (diretor superintendente), Clóvis Araújo (diretor supervisor) e Fabio Terrell (diretor comercial). Os artistas permaneceram: Eduardo Augusto Cesar e Mauro Corveloni (roteiro e desenhos), algumas vezes com um arte-finalista e a supervisão (talvez argumento) de Athamar Terrell. “Agster” era distribuída pela Fernando Chinaglia e possivelmente tinha uma tiragem de 30.000 exemplares (um padrão para a época).

A revista foi editada durante o governo de Fernando Collor, com inflação galopante, mudança de moeda e grande instabilidade financeira. Assim, a revista teve dois longos intervalos de periodicidade, mudança de quantidade de páginas e a inevitável mudança de preços de capa. Interessante o respeito dos editores, pois nos editoriais eles procuravam explicar os atrasos e os problemas de edição. Assim, mesmo com dezenas de patrocinadores, a revista não resistiu e foi cancelada no nº 6. Infelizmente, pois Agster era uma HQ de muita qualidade e que aproximava leitores de muitos segmentos, não somente os surfistas.

A empresa Agster existe até hoje e continua vendendo produtos pela internet, também voltada para o mercado internacional. Quem sabe os donos não se animem, nesse bom momento econômico, para retomar as aventuras do Agster. Quem sabe?

“Agster” nº 1 (fevereiro de 1990, tamanho 13,5x19cm, capa colorida em papel couchê, miolo em p&b em papel off-set, NCZ\$ 25,00, 36 páginas). HQs: ‘Veia de Campeão’ (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster participa de um campeonato anual na praia de Joaquina e desbanca grandes praticantes do mundo real, Bom Burren, Ripie Bólin, Shaun Tom Tom e Picuruta (que são inseridos na HQ como personagens), no final ele ainda fica com a garota de Tom Tom. Participam da história o amigo Palito e a garota Leninha. ‘Pousada do Horror!’ (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster e Suze vão parar numa pousada mal-assombrada e encontram monstros tradicionais que atormentam o jovem casal. ‘A Lenda’ (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Vovó Ondina aparece pela primeira vez e Agster encontra com a sereia Hália (que não tem o nome apresentado), a HQ é um apelo contra a depredação dos mares.

“Agster” nº 2 (maio de 1990, tamanho 13,5x19cm, capa colorida em papel couchê, miolo em p&b em papel off-set, Cr\$ 35,00, 40 páginas). HQs: ‘Agster em Bali’ (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster é convidado para ir à ilha de Bali (o sonho de todo surfista!) por uma multinacional de produtos de surf. Chegando lá, encontra a toda poderosa dona da empresa Best Surf (que é a cara da cantora, muito conhecida na época, Grace Jones) que quer Agster para ser seu campeão. Mas nosso herói é pego em uma armadilha e só é ajudado pela garota nativa Tawana.

Nessa história é mostrada pela primeira vez a casa de Agster. A HQ é interrompida quando Agster é capturado pelo deus Rangda. 'Uma Aventura do Outro Mundo' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster encontra um ser extraterrestre que vem apresentar uma mensagem de advertência ecológica. 'Acampamento' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster, Leninha, Palito e Bia vão acampar numa praia deserta e encontram um bando de punks, que na verdade é um bando de esqueletos!



'Agster' nº 3 (outubro de 1990, tamanho 13,5x19cm, capa colorida em papel couchê, miolo em p&b em papel off-set, Cr\$ 65,00, 52 páginas). HQs: 'Segura Essa, Rangda!' ('Agster em Bali Parte II') (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Final da aventura em Bali, quando Agster é ajudado por Tawana a fugir do templo que é a sede da Best Surf e tem que se defrontar nas ondas com cinco dos melhores surfistas de Bali e desmascarar o deus Rangda. Ele é auxiliado pela vovó Ondina, que não deixa o netinho em apuros. 'Atração Fatal!' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo; arte-final: Eliana). Agster encontra Luna, uma fatal vampira que vai tentar nosso herói com seus lindos dotes físicos. 'Lamentos...' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo; arte-final: José Augusto). Agster é acordado durante a noite pelos lamentos da sereia Hália para tentar salvar vários golfinhos que morriam contaminados por um derramamento de óleo. 'Faça seu Pedido!' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo; arte-final: Eliana). Agster encontra na areia uma lâmpada mágica, que concede só um desejo e mal feito. A HQ tem um argumento muito preconceituoso, pois ele esperava uma linda gênio loira e apareceu uma negra desdentada e magrela e ainda macumbeira. Um grande deslize dos autores.

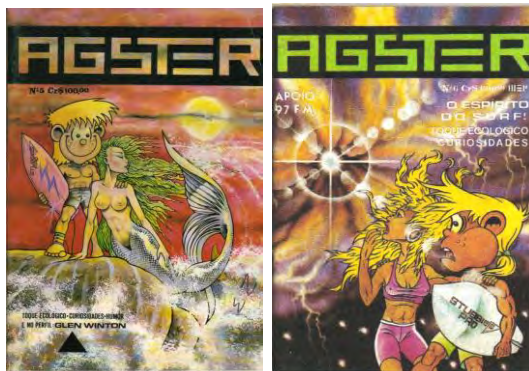
'Agster' nº 4 (dezembro de 1990, tamanho 13,5x19cm, capa colorida em papel couchê, miolo em p&b em papel off-set, Cr\$ 100,00, 60 páginas). HQs: 'Acredite se Puder!' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Passeando à noite na praia, Agster e Suze encontram um navio despejando resíduos no mar. Agster vai investigar e é aprisionado pelo cientista maluco japonês Cuspiro Mineoka, que construiu um robô para destruir o mundo, a menos que o governo seja passado para ele. O robô é chamado de Satan Lagosta e o cientista tem como capanga o violento Bate Estaca. Agster consegue se liberar de destruir o monstro metálico anonimamente. Ele é ajudado pelo amigo Picuruta Salazar, um surfista real que percorre a HQ em fotografia. Numa feliz ideia, os autores fotografaram o surfista em poses determinadas e incluíram no desenvolvimento da HQ. O resultado ficou muito bom. 'Como Surgiu o Surf' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo; arte-final: Régui). Agster e Palito acham um livro antigo que conta a origem da prática do surf, na pré-história, através de Buga-Lu. 'A Maior Lavada' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). História muda de uma página, onde Agster é pego num trote. Interessante que os personagens aparecem dançando break, um ritmo da moda naquele período.



'Agster' nº 5 (abril de 1991, tamanho 13,5x19cm, capa colorida em papel couchê, miolo em p&b em papel off-set, Cr\$ 100,00, 36 páginas). HQs: 'Mergulhos' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster mergulha e é atacado por um tubarão, mas é salvo pela sereia Hália, os dois aproveitam para falar das baleias. 'Arrepiando' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo; arte-final: Cimara). HQ de uma página com Agster e Palito satirizando outro surfista, o Preguinho. HQ de uma página sem título (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster e Palito confundem os longos cabelos de dois metaleiros! 'O Terror das Praias' (roteiros e desenhos: Mauro e Eduardo). Ressaca, o cachorro de Agster, tem seu momento de destaque (ele aparecia desde o primeiro número, mas sem ser nomeado) numa HQ muda em que ele perturba a calma da praia. 'A Grande Sacada!' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo; arte-final: Cimara). Agster se transforma num personagem espacial que transforma sua nave numa prancha de surf.

'Agster' nº 6 (julho de 1991, tamanho 13,5x19cm, capa colorida em papel couchê, miolo em p&b em papel off-set, Cr\$ 150,00, 36 páginas). A revista é dedicada ao surfista Pepê Lopes, que faleceu no período. HQs: 'O Espírito do Surf!' (roteiros e desenhos: Mauro e Eduardo). Agster e Suze vão transar numa gruta e depois, à noite, Agster sai para passear na praia e encontra o espírito do surf (muito parecido com o Surfista Prateado da Marvel Comics) que lhe transmite mensagens filosóficas. 'Paquera' (roteiro e desenhos: Mauro e Eduardo). Leninha e Tekka disputam quem vai paquerar um gato loiro que está na praia. 'Mudando de Vida!'. Agster resolve mudar de vida e vai procurar emprego na mercearia do Manuel, mas fica estressado com o excesso de trabalho e a falta do surf. Quem salva nosso herói é a vovó Ondina, que leva o netinho de volta para o mar. A última história de Agster, uma tira, é publicada ao lado do expediente (nos números anteriores o espaço era preenchido para anunciar as próximas HQs nas futuras revistas), em que ele pratica surf, bicicleta e skate.

#### WORNEY ALMEIDA DE SOUZA



## Memória do Fanzine Brasileiro

### Depoimento do Editor

# AIMAR AGUIAR

Aimar Aguiar nasceu em Salvador, BA, em 25 de novembro de 1946. Atuou como militar do Corpo de Bombeiros, aposentando-se no posto de Coronel. Trabalhou também como Professor de Educação Física, dando aulas de natação.

Todos os fanzineiros do passado e presente deste imenso Brasil devem agradecer ao nosso pai, o super-herói dos fanzines, o falecido Edson Rontani. Este foi um dos motivos que me incentivou a fazer o "Nostalgia dos Quadrinhos". Na época, anos 1960 e 1970, em vários estados, publicavam fanzines. Em São Paulo, o "Fic o" de Edson Rontani e "Vivendo os Quadrinhos" de Artur Ant nio Rocha Ferreira. Em Minas Gerais, o "Boletim do Herói" de José Azenor S. Ferreira. Na Bahia, "Na Era dos Quadrinhos" de Gutemberg Cruz Andrade, "Focalizando os Quadrinhos" de Jorge Ant nio Ramos e "De Olho nos Quadrinhos". No Rio Grande do Sul, "Historieta" de Oscar Christiano Kern. Ninguém daquela época dedicava um fanzine inteiramente   nostalgia. Como eu colaborava com vários fanzines com material nostálgico, decidi elaborar o "Nostalgia dos Quadrinhos", que foi um sucesso e até o presente momento (2002)   o mais antigo sendo publicado.



Tomei conhecimento de outros fanzines através de amigos e colecionadores e pelas publica es da Ebal na se o 'Notícias em Quadrinhos'. Esta se o das revistas de Adolfo Aizen sempre divulgava fanzines e divulgou também o "Nostalgia dos Quadrinhos". Outros contatos foram conseguidos através das se es de carta das revistas de Editora Vecchi e Grafipar e principalmente através dos fanzines que circulavam na época.

A distribui o do "Nostalgia" era feita pelo correio e de mão em mão aqui em Salvador.

O meu grande forte sempre foi a nostalgia, queria fazer algo dedicado   Era de Ouro dos Quadrinhos. Dediquei o fanzine inteiramente   nostalgia, tanto nos personagens como nas publica es. Até o momento venho sempre mostrando os primeiros números de publica es do Brasil e do mundo, artigos, críticas, capas de gibis antigos. Também coloco alguma coisa da atualidade.

Antes de editar o próprio fanzine, participei do Clube da Editora Juvenil, que publicava o "Na Era dos Quadrinhos", na fun o de Tesoureiro, vendendo as edi es para os amigos e arrecadando dinheiro. Todas as semanas reuníamos a turma para fazer pesquisa, analisar e discutir o que a gente achava nas bancas, selecionar o que ia ser divulgado e então concluir o fanzine. Dava muito trabalho, gastava-se muito dinheiro e não se ganhava nada, mas era muito gostoso na época. A gente precisava comprar um papel especial para mimeógrafo, que custava muito caro. Primeiro datilograf vamos um rascunho para que não err ssemos no estêncil. A gente ia ao colégio de um, depois de outro, e pedia para rodar os fanzines. Até fazermos uma vaquinha para comprar um mimeógrafo. Depois, o fanzine era todo colorido   mão, folha por folha.

No início da publica o do "Nostalgia dos Quadrinhos", eu não tinha dinheiro e já tinha cinco filhos. Trabalhava no quartel, fazia faculdade, mas ia dormir altas horas da manhã preparando os fanzines. Eu namorava a dona de uma escola de datilografia. Enquanto tomava conta da escola, datilografava os textos. Quanto ao mimeógrafo, inicialmente eu usava o de uma escola, depois comprei uma máquina velha, consertei e comecei a usar. Quando precisava de papel, álcool, estêncil, ia às escolas e trocava o material pelo meu trabalho como professor de Educa o Física.

Criei outros fanzines ("Wanted The Lone Ranger", "The Lone Ranger", "Show dos Quadrinhos"), mas deixei de public -los por falta de tempo (trabalho, estudo, viagem, família) – achei por bem ficar somente com o "Nostalgia dos Quadrinhos".

Algumas curiosidades.

Nos anos 1970, durante uma exposi o sobre quadrinhos no ICBA (Instituto Central Brasil-Alemanha), o falecido amigo e caricaturista Sin zio Alves fez uma caricatura minha com o meu herói Lone Ranger (Zorro).

Quando o Oscar Kern e o Ailton Elias criaram a HQ intitulada 'A História dos Quadrinhos', fez o meu encontro com o Lone Ranger (publicada em "Historieta" n  4 em dezembro de 1980).

Quando foi lançada a cole o "O Cavaleiro Solitário – A Volta de Zorro e Tonto" pela Comix Club, o amigo Worney enviou-me pelo correio, mas nunca chegou em minhas mãos. Foi extraviado ou o carteiro colecionador ficou com ela. Era uma série inédita e exclusiva para sócios.

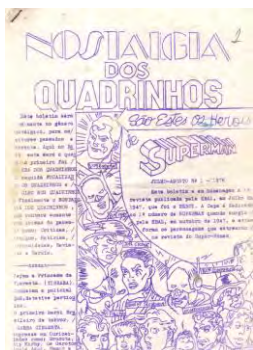
Aimar Aguiar, além de editor de fanzines,   colecionador de revistas de quadrinhos, tendo sido entrevistado várias vezes por jornais da Bahia, com destaque para o suplemento cultural do "Jornal da Bahia", que lhe dedicou as páginas centrais. Além de várias revistas antigas, Aimar possui todas as publica es de Lone Ranger no Brasil e centenas de edi es estrangeiras.



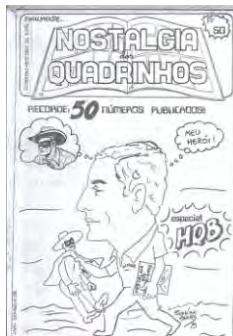
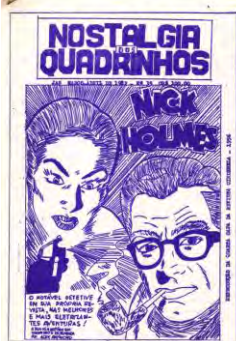
## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Fanzines editados por Aimar Aguiar.

– “Nostalgia dos Quadrinhos” (of. e of.2, 4 a 38 pág.): 1 (jul/ago/1976) a 158 (mai/jul/2002). Começou com 4 páginas no formato ofício impresso em mimeógrafo a álcool até o número 59, com exceção dos números 4 a 6, impressos em mimeógrafo a tinta, e do número 50, impresso em xerografia. Manteve a média de 4 páginas por edição, com alguns números tendo 5, 6 e até 8 páginas. A partir do número 60 passou a ser impresso em xerografia em formato ofício 2, com uma média de 10 a 12 páginas, com alguns números alcançando 20, 26 e até 38 páginas. A periodicidade sempre foi bimestral, com alguns poucos números saindo mensalmente por volta de 1988. Desde o início, Aimar contou com a ajuda de colaboradores, principalmente para fazer as ilustrações ou cópias de ilustrações diretamente no estêncil, com destaque para Eliomar de Castro Aguiar, Josafá Menezes e José Mariano. Por volta de 1978, o expediente passou a trazer os dizeres “Clube do Lone Ranger”, personagem pelo qual Aimar tem especial carinho, considerando-se seu fã nº 1. O número 19, de jul/ago/1979, trouxe pela primeira vez uma página impressa com outra cor, diferente do tradicional roxo do estêncil. A partir do número 45, de mar/abr/1984, Gonçalo Júnior passou a colaborar com o fanzine, nas cópias das ilustrações para o estêncil, usando a técnica já empregada em seus próprios fanzines: usar carbonos de cores variadas para compor os desenhos no estêncil. Assim, além do roxo, as páginas traziam desenhos nas cores vermelho e verde. A partir do número 47, de mar/abr/1984, a impressão passou a ser dos dois lados da folha, o que não é tão simples quando se usa mimeógrafo a álcool. A partir de 1999, as edições passaram a ter cerca de 20 páginas, com destaque para o número 158, o último número conhecido, com 38 páginas. O número 150, edição comemorativa, teve capa colorida.



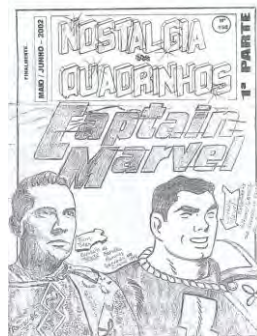
“Nostalgia dos Quadrinhos” 1 (jul/ago/1976) e 35 (mar/abr/1982)



“Nostalgia dos Quadrinhos” 50 (set/out/1984) e 100 (set/out/1992)



“Nostalgia dos Quadrinhos” 150 (jan/fev/2001) e 158 (mai/jun/2002)



– “Wanted The Lone Ranger” (of., 5 pág.): nº único (1980). Impresso em mimeógrafo a álcool.

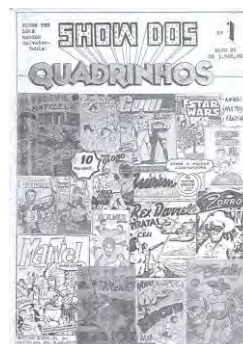
– “Nostalgia dos Quadrinhos Especial” (of., 20 pág.): 1 (dez/1983). Edição comemorativa de 50 anos de Lone Ranger, impresso em mimeógrafo a álcool, com capa colorida à mão.



“Wanted The Lone Ranger” e “Nostalgia dos Quadrinhos Especial” 1

– “The Lone Ranger” (1/2 of., 12 a 16 pág.): 0 (out/dez/1984) a 5 (jan/mar/1989). Impresso em xerografia.

– “Show dos Quadrinhos” (of. 2, 10 pág.): 1 (mai/1985). Impresso em xerografia.



“Show dos Quadrinhos” 1 e “The Lone Ranger” 0

Aimar publicou também, na década de 1980, pelo menos 3 números de “Relação de Gibis” para venda e troca, impresso em mimeógrafo a álcool, com cerca de 6 páginas.

# EDIÇÕES INDEPENDENTES



**O BAÚ DO IRRTHUM**

**O BAÚ DO IRRTHUM**

Luciano Irrthum  
68p. 14X20cm. R\$12,00.  
Histórias em quadrinhos undergrounds  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)



**ICFIRE**

**ICFIRE - 92**

NESTA EDIÇÃO, ICFIRE É A ESTREIA DE ESTELAR. SUPERLEGAL UMA NOVA PERSONAGEM NO UNIVERSO CLIMA. DE CHAGAS LIMA. CAPA COR. R\$ 4. 24 PAG. OU SELOS, OU TROCA. AGO/2012. CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA, 59054-440, NATAL/RN.



**Revista de HQ**

**PERYC**

**o MERCENÁRIO**

Capa colorida  
82 páginas  
R\$3,00

**PEDIDOS:**  
[TCHEDENILSON@GMAIL.COM](mailto:TCHEDENILSON@GMAIL.COM)

## QUADRINHOS

**ÁLBUM TARZAN** \* nº 3 \* 2012 \* 108 pág. \* 180x270mm \* capa color. \* R\$ 70,00 \* **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

**ÁLBUM TARZAN** \* nº 4 \* 2012 \* 108 pág. \* 180x270mm \* capa color. \* R\$ 70,00 \* **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

**ÁLBUM TARZAN** \* nº 5 \* 2012 \* 108 pág. \* 180x270mm \* capa color. \* R\$ 70,00 \* **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

**ARROTINHOS CURRY** \* nº 2 \* 2012 \* 52 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 2,50 \* **Germano Patel Weiss** – Av. Henrique Valadares, 03/901 – Rio de Janeiro – RJ – 20231-030.

**ARTE DIGITAL** \* 2012 \* 52 pág. \* 280x210mm \* color. \* R\$ 31,50 \* **Silvio Ribeiro** – R. Salvador Lo Pumo, 93 – Porto Alegre – RS – 91210-200.

**O BAÚ DO IRRTHUM** \* 2012 \* 72 pág. \* 140x200mm \* capa color. \* R\$ 12,00 \* **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

**BENZINE** \* nº 7 a 10 \* jun/2012 \* 4 pág. \* A6 \* gratuito \* **Daniel Linhares** – [dogbiscuitpress@zipmail.com.br](mailto:dogbiscuitpress@zipmail.com.br).

**BRUSQUE ONTEM** \* vol. VI \* ago/2012 \* 28 pág. \* A5 \* color. \* **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

**CARTUM** \* nº 72 \* jul/2012 \* 28 pág. \* A5 \* color. \* R\$ 50,00 (assinatura anual) \* **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

**CARTUM** \* nº 3 (2ª ed.) \* ago/2012 \* 24 pág. \* A5 \* color. \* **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

**CASTELO DE RECORDAÇÕES** \* nº 42 \* abr/2012 \* 20 pág. \* of. 2 \* **José Magnago** – R. Jerônimo Ribeiro, 117 – B. Amarelo – Cachoeiro de Itapemirim – ES – 29304-450.

**CASTELO DE RECORDAÇÕES** \* nº 43 \* ago/2012 \* 20 pág. \* of. 2 \* **José Magnago** – R. Jerônimo Ribeiro, 117 – B. Amarelo – Cachoeiro de Itapemirim – ES – 29304-450.

**CAVERNA DOS GIBIS** \* nº 2 \* jul/2012 \* 16 pág. \* A5 \* R\$ 3,00 \* **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

**CHET** \* nº 1 \* fev/2012 \* 56 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 8,00 \* **Fábio Chibilski** – R. Rio Grande do Sul, 949 – Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

**COLEÇÃO FALCÃO NEGRO** \* nº 2 \* mar/2012 \* 12 pág. \* 1/2 ofício 2 \* **José Magnago** – R. Jerônimo Ribeiro, 117 – B. Amarelo – Cachoeiro de Itapemirim – ES – 29304-450.

**COMANDO V** \* nº 2 \* 2012 \* 36 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,50 \* **Allan Goldman** – R. Elcias Lopes, 586 – Montese – Fortaleza – CE – 60421-100.

**COVER ANUAL** \* nº 1 \* set/2012 \* 28 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 7,00 \* **José Amorim Neto** – R. Amaro José de Andrade, 361 – J. Maria Paulina – Boituva – SP – 18550-000.

**EMPREENDEUCA** \* nº 1 \* set/2012 \* 20 pág. \* A5 \* R\$ 3,00 \* **Alex Rogério Veronez** – R. Dr. Pedro Raimundo, 329 – Vila Carmen – São Carlos – SP – 13575-470.

**FRANCO CAPIROLI** \* catálogo \* 2002 \* 60 pág. \* A4 \* **Câmara Municipal de Moura** – Pr. Sacadura Cabral – Moura – 7860-207 – Portugal.

**FRANK** \* nºs 1 a 4 \* 2012 \* 8 a 16 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 2,00 \* **Germano Patel Weiss** – Av. Henrique Valadares, 03/901 – Rio de Janeiro – RJ – 20231-030.

**GIBIOGRAPHIA** \* nº 2 \* fev/2012 \* 12 pág. \* A5 \* R\$ 3,50 \* **Josival da Fonseca Silva** – R. Santa Luzia, 129 – Brasília – Bayeux – PB – 58307-320.

**GIBIZONE** \* mar/2011 \* 16 pág. \* A6 \* **Josival da Fonseca Silva** – R. Santa Luzia, 129 – Brasília – Bayeux – PB – 58307-320.

**ICFIRE** \* nº 92 \* ago/2012 \* 24 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 4,00 \* **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.



**O INIMAGINÁVEL** \* mai/2012 \* 56 pág. \* 150x190mm \* color. \* R\$ 20,00 \* **Vitor Batista Filgueira** – Av. Alcides Peixoto, 211 – Granjeiro – Crato – CE – 63100-000.

**JORNAL GRAPHIQ** \* n° 66 \* jul/2012 \* 16 pág. \* 280x320mm \* capa color. \* R\$ 4,00 \* **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

**JORNAL GRAPHIQ** \* n° 67 \* ago/2012 \* 16 pág. \* 280x320mm \* capa color. \* R\$ 4,00 \* **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

**JOU VENTANIA** \* n° 4 \* fev/2012 \* 28 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 9,50 \* **Ricardo Henrique** – R. Olina, 33 – Quintino – Rio de Janeiro – RJ – 20740-070.

**LEITOR VIP** \* n° 19 \* set/2012 \* 16 pág. \* A5 \* **Aldo dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

**MESTRES DO QUADRINHO NACIONAL** \* n° 4 \* jan/2012 \* 36 pág. \* A4 \* **José Magnago** – R. Jerônimo Ribeiro, 117 – B. Amarelo – Cachoeiro de Itapemirim – ES – 29304-450.

**PARASSIMPÁTICO** \* jul/2012 \* 12 pág. \* 150x150mm \* **Gazy Andraus** – R. Jacob Emerick, 458/805 – Centro – São Vicente – SP – 11310-070.

**REAÇÃO** \* n° 3 \* ago/2012 \* 32 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

**ROMANCE EM QUADRINHOS** \* n° 2 \* ago/2012 \* 36 pág. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

**7DAYZ** \* 2009 \* 72 pág. \* 150x205mm \* capa color. \* R\$ 10,00 \* **Vitor Batista Filgueira** – Av. Alcides Peixoto, 211 – Granjeiro – Crato – CE – 63100-000.

**SILVIO RIBEIRO COLETÂNEA** \* 2005 \* 52 pág. \* 175x250mm \* color. \* **Silvio Ribeiro** – R. Salvador Lo Pumo, 93 – Porto Alegre – RS – 91210-200.

**WAR ZONE** \* n° 3 \* set/2012 \* 12 pág. \* A5 \* R\$ 1,00 \* **Ricelle Sullivan Suad** – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaio – São Luís – MA – 65020-401.

## OUTROS ASSUNTOS

**O CAPITAL** \* n° 217 \* jul/2012 \* 16 pág. \* A4 \* **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

**O CAPITAL** \* n° 218 \* ago/2012 \* 16 pág. \* A4 \* **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

**CORREIO DA PAZ** \* n° 8 \* jun/2012 \* 4 pág. \* A5 \* **Rosângela Carvalho** – C.P. 5366 – AC Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971.

**JUVENATRIX** \* n° 138 \* ago/2012 \* 20 pág. \* arquivo pdf via e-mail \* **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

**JUVENATRIX** \* n° 139 \* set/2012 \* 28 pág. \* arquivo pdf via e-mail \* **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

**JUVENATRIX** \* n° 140 \* out/2012 \* 22 pág. \* arquivo pdf via e-mail \* **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

## LITERATURA, POESIA e MÚSICA

**O BERRO** \* n° 23 \* **W. Bastos** – C. P. 100050 – Niterói – RJ – 24020-971.

**O BOÊMIO** \* n°s 275 e 276 \* **Eduardo Waack** – R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776.

**BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA** \* n° 73 – C.P. 500 – Ag. W3 – 508 Sul – Brasília – DF – 70359-970.

**COTIPORÃ CULTURAL** \* n° 42 \* **Adão Wons** – R. Marcílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

**O GARIMPO** \* n° 85 \* **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

**L'ATMOSFERE** \* n° 6 \* **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

**LITERARTE** \* n° 330 \* **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

**VIDA E PAZ** \* n° 155 \* **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

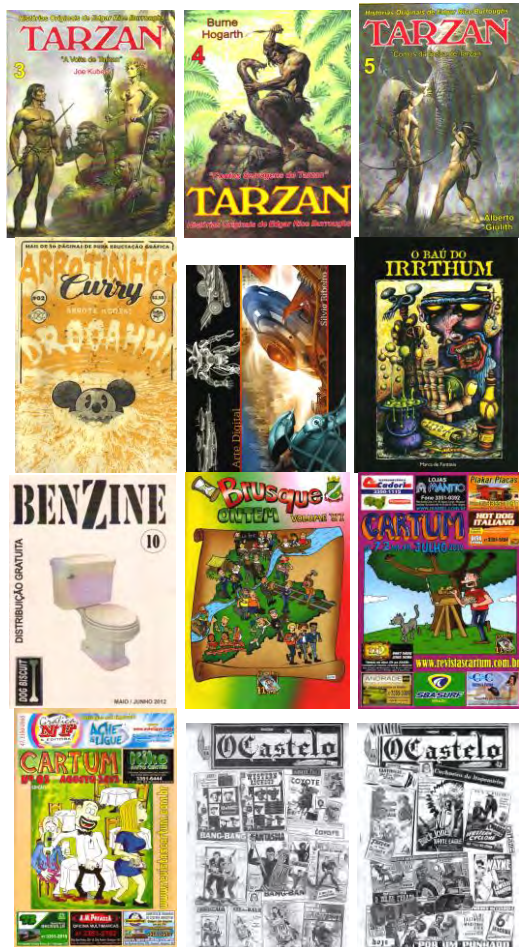
## RECADOS

**Cássio de Aquino** avisa que cancelou sua Caixa Postal. Para contato, no momento, usar o e-mail: poeta@riseup.net.

**Lázaro Ferreira da Cruz** vende revistas Bonelli da Mythos, Conrad e RGE, e Disney da Abril. – lazarocruz@hotmail.com.

**Renato Kuipers Cava** vende várias revistas de heróis Marvel da Abril. – renatokuipers@hotmail.com.

## GALERIA DE CAPAS







Poema enviado por **Eduardo Waack**, editor do jornal "O Boêmio".  
R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776.

**NATUREZA HUMANA**

**Eduardo Waack – 19.03.1990**

Natureza humana,  
Dos fracos a primazia.  
Lágrimas e soluços são chantagens,  
Covardia. Ecce Homo demasiado

Tardio. Amigos que roubam  
Esquecendo-se da direção exata,  
Talvez um mero minuto, quem ama  
Também mata. Explorados,

Esperem a hora de tornar-se  
Poderosos para aí ressuscitar  
O medo aprisionado em individuais  
Membranas. Natureza humana,

Falácia de Eros adormecido.  
Virgílio aprisionado em suas églogas,  
Melancolia que destrata o real, maldade  
Revestida de inócuo romantismo.

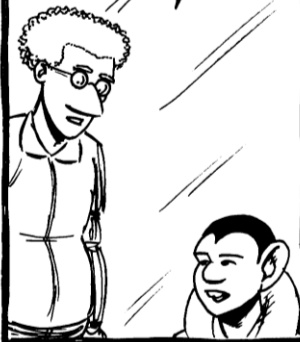


Do Fundo do Baú – desenho feito em 6/2/1981 a partir de foto publicada na revista “Manchete” ou “Fatos&Fotos”.

MAS EU AINDA CUSTO A  
ACREDITAR QUE OS  
SEGURANÇAS ARRISQUEM  
SUAS CARREIRAS POR UM  
MOTIVO DESSES...



VOCÊ AINDA CONTINUA  
SUBESTIMANDO O RONALDO.



VOCÊ NÃO IMAGINA O  
CARISMA DELE COM OS  
FUNCIONÁRIOS DA EMPRESA.



ACHO QUE JÁ DEU TEMPO  
DOS JORNAIS SABEREM  
A NOVIDADE.



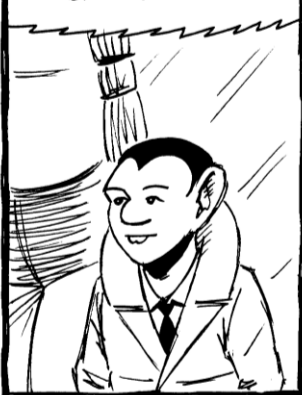
RÁDIO, LIGUE, POR  
GENTILEZA.



...O MULTIBILIONÁRIO,  
DONO DE UMA DAS  
MAIORES CORPORAÇÕES...



...MORREU EM CIRCUNSTÂNCIAS  
AINDA DESCONHECIDAS...



SEGUNDO PUDERMOS  
APURAR, ELE TEVE UM  
ACESSO DE FÚRIA E  
ATACOU UM DOS SEGURANÇAS...



ESTE, INSTINTIVAMENTE,  
REAGIU E, POR INFORTÚNIO,  
A REAÇÃO FOI LETAL...







COM LICENÇA,  
PRECISO CONVERSAR  
COM MEU ADVOGADO.



POR GENTILEZA, LIGUE-ME  
COM O ADVOGADO.



CONFESSO QUE ESTOU  
ADMITADO COM O  
COMPORTAMENTO DE  
VOCÊS...



VOCÊS NÃO SE ABALARAM  
AO SABER QUE ERAM  
FILHOS DO TIO RICO...



MUITO MENOS POR  
TESTEMUNHAREM A  
"EXECUÇÃO" DELE A  
MANDO DE SEU TIO...



QUANDO NOSSA MÃE ERA  
VIVA, NÓS NÃO SABÍAMOS  
QUEM ERAM NOSSOS PAIS...



ELA TEVE AS RAZÕES  
DELA, MAS A AUSÊNCIA  
PATERNA SEMPRE FOI  
SENTIDA POR NÓS...



QUANDO NOSSA MÃE  
MORREU E VIEMOS  
MORAR COM O TIO  
RONALDO, SENTIMOS  
MUITO A FALTA DELA...



... MAS NUNCA MAIS  
SENTIMOS FALTA DE  
UM PAI...



QUANTO À "EXECUÇÃO",  
CONFIAMOS TOTALMENTE  
NAS DECISÕES DO TIO.



EMBORA EU PREFERISSE  
TER FEITO O SERVIÇO  
PESSOALMENTE.



TEM ALGO MAIS  
URGENTE QUE EU  
GOSTARIA QUE VOCÊ  
FIZESSE...



EU JÁ CONSIDERAVA  
ENCERRADO O CASO  
DOS IRMÃOS BIGAIL...



MAS AGORA RECEIO QUE  
HAVERÁ UM ATENTADO  
CONTRA NÓS, QUANDO FORMOS  
AO ENTERRO DO TIO...



MAS ESTÃO TODOS MORTOS,  
COM EXCEÇÃO DAQUELE  
ENTREVADO NA CADEIRA  
DE RODAS...



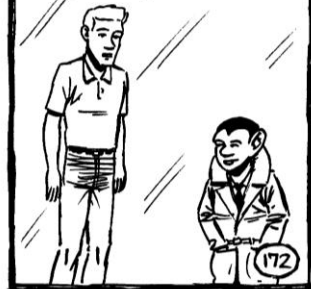
COM QUEM ELES  
APRENDERAM A SER  
O QUE ERAM?



CARAMBA! NUNCA ME  
OCORREU QUE ELES  
PUDESSEM TER PAI VIVO!...

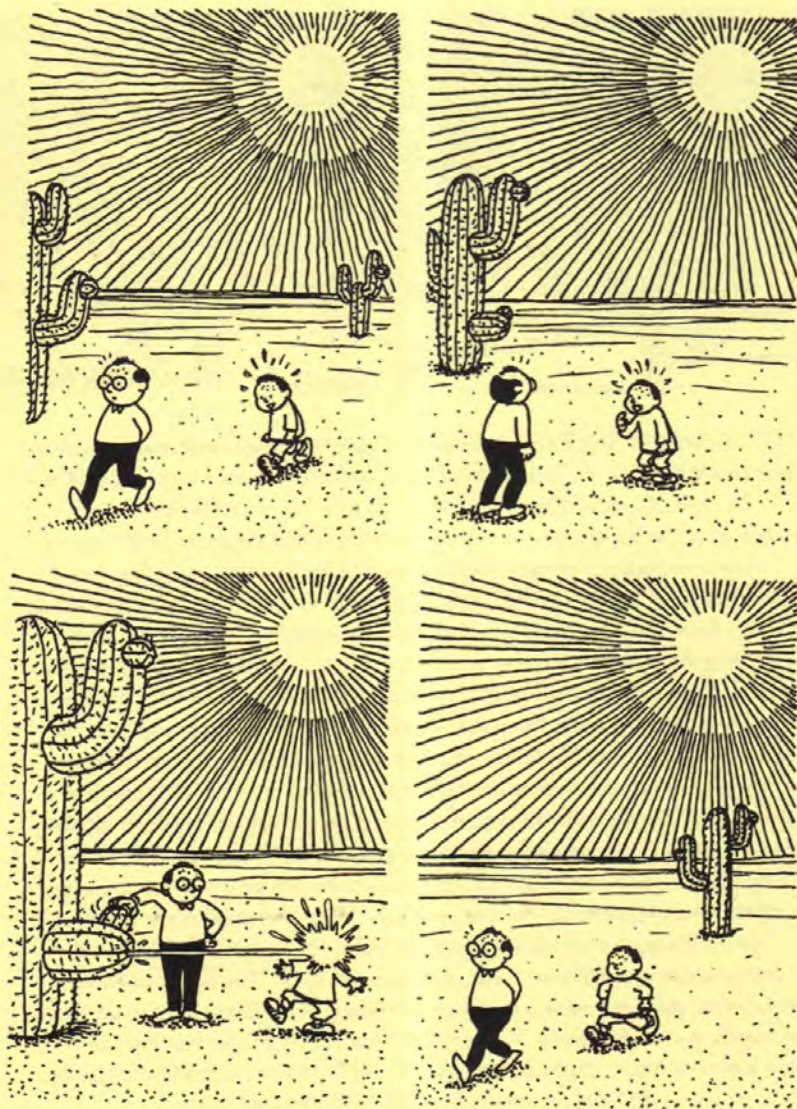


EU GOSTARIA QUE VOCÊ  
INVESTIGASSE SE HÁ PERIGO  
REAL E RESOLVESSE  
O PROBLEMA.





# cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

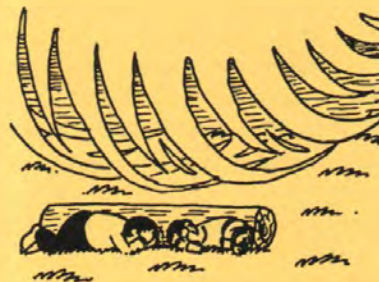
## outros cotidianos alterados



**LITTLE SAMMY SNEEZE** – Winsor McCay é mais conhecido pela sua obra-prima 'Little Nemo in Slumberland', mas produziu muitos outros trabalhos da mais alta qualidade, não só nos quadrinhos como no cinema de animação, na ilustração e na charge política. Após algumas tentativas de curta-duração, a primeira série relevante produzida por McCay nos quadrinhos foi 'Little Sammy Sneeze', lançada em julho de 1904, publicada até final de 1906, tanto em tiras como em páginas dominicais. Cada história, normalmente composta de 6 quadros, contava sempre a mesma coisa. O pequeno Sammy passava os primeiros 4 quadros ensaiando um espirro que culminava no quinto quadro provocando algum desastre de variada proporção. No último quadro, Sammy recebia sua recompensa, quase sempre o contato bem colocado de uma sola em seu fundilho. Apesar da simplicidade do argumento, McCay conseguiu produzir durante cerca de dois anos, centenas de tiras e páginas, onde o grande atrativo era certamente seu desenho dinâmico, produto de um artista já no seu auge. Neste mesmo período em que produziu 'Little Sammy Sneeze', McCay produziu outras séries importantes, como 'Dream of Rarebit Fiend', iniciada em setembro de 1904, durando até 1913; 'The Story of Hungry Henrietta', também estrelada por uma criança, iniciada em janeiro de 1905, durando apenas 6 meses; 'A Pilgrim's Progress by Mister Bunion', iniciada em junho de 1905, durando 5 anos; até 'Little Nemo', iniciada em outubro de 1905, durando, com interrupções, até 1926.



# cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

# outros cotidianos alterados



1. What do the Tiny Tads perceive that gives them such a scare?  
The Hippopotomobile, too, what makes him stand and stare?



2. It is these Pantaloonatics disporting on the hill,  
With silly laugh and silly song and dance more silly still.

**THE TERRORS OF THE TINY TADS** – Gustave Verbeek (Verbeek de nascimento) havia publicado uma série de quadrinhos antes de começar sua série mais conhecida, 'The Upside-Downs of Little Lady Lovekins and Old Man Muffaroo', em 1903. Esta série, composta de 6 quadros, devia ser lida normalmente até o sexto quadro, então a página devia ser virada de cabeça para baixo, e os seis quadros novamente lidos, formando uma história de 12 quadros. Para isso, o desenho de cada quadro tinha dois significados, visto normalmente e visto invertido. Um desafio de engenhosidade que Verbeek conseguiu enfrentar por 64 semanas, até encerrar a série no começo de 1905. Logo em maio de 1905 estreou 'The Terrors of the Tiny Tads', também composta por 6 quadros, quase sem balões, com dois versinhos embaixo de cada quadro. Nesta série, quatro *crianças vivem num mundo estranho, povoado de seres ainda mais estranhos*, muitos deles pouco amistosos, daí o "terrors" do título. Os seres estranhos, frequentemente híbridos de animais, vegetais e minerais, como um "hipopote" ou os "pantalunáticos", podiam ser apreciados pelo público infantil, mas o clima de terror estava mais para o público adulto. A série durou até 1911 e Verbeek ainda criou, em 1910, outra série, 'The Loony Lyrics of Lulu', de curta duração, antes de abandonar os quadrinhos e se dedicar à pintura. 'Upside-Downs' e 'Tiny Tads' tiveram algumas páginas publicadas no Brasil, no quinto volume do "Almanaque do Gibi Nostalgia", em maio de 1977, a segunda com o título deliciosamente traduzido para 'Os Terrors dos Tadinhos'.

